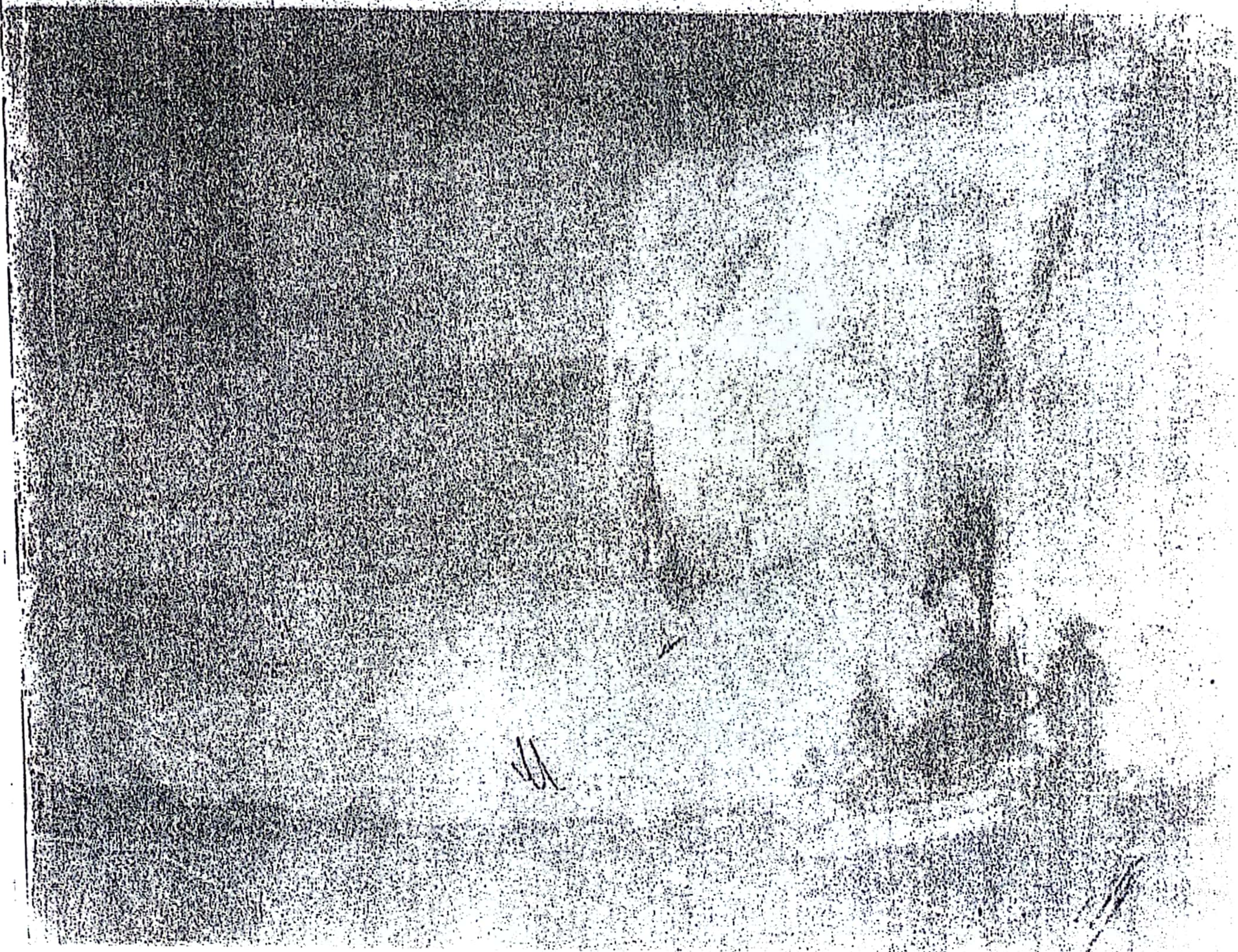


CARLOS JOAQUIM MAGALHÃES

VÁ PRO PIAUI

CRÔNICAS - MEMÓRIAS - CURIOSIDADES SOBRE O ESTADO



Copyright 1980 by
Carlos Joaquim Magalhães

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Direitos de edição reservados à editora Bel-
Ami.

Número de exemplares desta edição: 500

ÍNDICE

PRÓLOGO	pag. 9	
A VIAGEM DE IDA; CAÇA ÀS MARRECAS		11
A CHEGADA		18
NA REPARTIÇÃO		24
CURIOSIDADES LOCAIS		28
ORQUITE		34
UM POUCO SOBRE O ESTADO		37
UM POUCO SOBRE PARNAÍBA		40
NATUREZA= FOLCLORE= POESIA		44
TIPOS CURIOSOS- "CANTADORES"- COMÉRCIO		50
"PARNAHYBA COMO É"		59
AS RIÇUEZAS DO ESTADO		66
O POVO E O SEU LINGUAGEM		72
A CIDADE DE FLORIANO		76
URUCUI- O RIO PARNAÍBA E TERESINA		80
VIAGEM TERESINA-PARNAÍBA		85
OUTRA VEZ PARNAÍBA- A "FESTA DO BOI"		90
TUTOIA E O DELTA DO RIO PARNAÍBA		94
O LITORAL PIAUIENSE- A PESCA DE CURRAL		100
AS "SETE CIDADES"		104
AS GRUTAS DE UBAJARA		107
A PENETRAÇÃO IANQUE NO PIAUI E A ESCASSEZ DE		
COMUNISTAS		116
O CONTRABANDO E A MARINHA		125
A PROPÓSITO DAS ENCHENTES NO PIAUI		131

PRÓLOGO

O estado do Piauí tem dado assunto para debates ultimamente. Não é novidade nenhuma, que ele tem sido considerado, pelo menos até há bem pouco tempo, como um dos estados mais atrasados do Brasil, senão o mais atrasado! Haja visto o que nos aconselha o Juca Chaves:

"Visite o Piauí antes que ele acabe!"
Mas vocês sabem como são os humoristas - sempre irreverentes. O Piauí não vai acabar-se e tenho esperança de que o progresso passe por lá para ficar; pelo menos é o que nos afirmam os discursos dos políticos, que são sempre otimistas (os discursos). Uma coisa porém aconselho aos leitores: se tiverem de visitar o Piauí, que o façam entre os meses de maio e julho. Fora daí, o Estado é muito quente! Há dias, disse ao meu primo Zeca que eu estava com vontade de colocar o presente livro para concorrer a um prêmio literário promovido pelo Estado. Zequinha, então, saiu-se com esta:

"O Piauí é um estado tão quente que, no último concurso, quem tirasse o primeiro 100

gar, teria direito a passar dez dias no Piauí e para o segundo lugar vinte..."

**

A VIAGEM DE IDA

Há dois anos atrás, quando saltava de um "teco-teco" no aeroporto de Parnaíba, longe estava eu de pensar que retornaria ao mesmo lugar para uma estada mais demorada.

Acredito que me quisessem jogar fora ao me dizerem:

-Vá p'ro Piauí!...

Ainda no Rio, todos os meus parentes, amigos e simples conhecidos souberam da minha transferência para as terras do "O Meu Boi Morreu". Apesar de vir exercer um cargo de certa importância em Parnaíba, não me deram os parabéns; pelo contrário, as suas perguntas tinham até uma certa intonação de pêsames... Alguns, em conversa comigo, depois de passarem rapidamente os olhos pelos lados, certificando-se de que não havia ninguém por perto, perguntavam, por fim, com a boca próxima ao meu ouvido:

-Escuta, onde fica mesmo o Piauí, hein?

Aí, então, eu era obrigado a explicar que o Piauí ficava lá em cima, no norte, entre os estados do Ceará e Maranhão.

Um vizinho, ao tomar conhecimento da

...teria direito a passar dez dias no Piauí
e para o segundo lugar vinte..."

**

A VIAGEM DE IDA

Há dois anos atrás, quando saltava de um "teco-teco" no aeroporto de Parnaíba, longe estava eu de pensar que retornaria ao mesmo lugar para uma estada mais demorada.

Acredito que me quisessem jogar fora ao me dizerem:

-Vá p'ro Piauí!...

Ainda no Rio, todos os meus parentes, amigos e simples conhecidos souberam da minha transferência para as terras do "O Meu Boi Morreu". Apesar de vir exercer um cargo de certa importância em Parnaíba, não me deram os parabéns; pelo contrário, as suas perguntas tinham até uma certa intonação de pêsames... Alguns, em conversa comigo, depois de passarem rapidamente os olhos pelos lados, certificando-se de que não havia ninguém por perto, perguntavam, por fim, com a boca próxima ao meu ouvido:

-Escuta, onde fica mesmo o Piauí, hein?

Aí, então, eu era obrigado a explicar que o Piauí ficava lá em cima, no norte, entre os estados do Ceará e Maranhão.

Um vizinho, ao tomar conhecimento da

minha transferência e querendo mostrar, naturalmente, conhecimentos de geografia, perguntou-me:

-Ah, o senhor vai então morar em Teresinha, não é?

Com bastante jeito, respondi que não iria ficar em Teresina, mas sim em Parnaíba.

Outros ainda, quando eu dizia, simplesmente, que havia sido removido para Parnaíba, davam-me os parabéns, aplicando-me com a mão pancadinhas nas costas e falando:

-És um cabra de sorte! Vais ficar ainda por perto...

Logo de início, fiquei surpreso, sem compreender. Mas, afinal, percebi que o nosso amigo confundia Parnaíba com Paraíba.

Deixei o Rio num avião da "Cruzeiro do Sul", de madrugada ainda. O tempo estava frio, úmido, chuvoso. Minha bagagem constava de três malas, uma sacola e uma gaiola, onde se alojava o meu cachorro pequenez.

Antes de embarcarmos, fomos chamados por um fonoclama. Entramos depois em fila indiana, num corredor, onde cada passageiro recebeu uma ficha amarela com um número. Em seguida, um agente da "Cruzeiro" conferiu rapidamente os nossos nomes e nos mandou seguir em direção ao avião, por ordem crescente de números. Vimos ainda o mesmo agente solicitar a um passageiro fumante que apagasse o seu cigarro. Estes pequenos por menores causavam-me uma impressão de ordem, de segurança, tão difícil no meio da conhecida incúria brasileira.

Quando o avião alçou vôo, pude ver em baixo que as ruas do centro da Cidade estavam ainda desertas. Em breve, com o avançar das horas, elas tornar-se-iam mais movimentadas e, por último, atingiriam talvez

aquela fase tumultuosa já frequente aos nossos olhos. Via mesmo, na imaginação, aqueles aglomerados imensos de viaturas, buzinando, com os seus motores fervendo; com os trocadores dos ônibus batendo com a mão na lata da carroceria, pedindo passagem; com os motoristas gritando para os lados, descompondo-se, enquanto os passageiros, engolindo fumaça e esfregando o lenço na testa, consultavam periodicamente os seus relógios. É assim que começa a vida febricitante da Cidade. Vivemos ali em sobressaltos contínuos; com ruídos de todos os lados; com ameaças de desabamentos; com notícias de greves e angustiados mais ainda com a situação inflacionária, que ameaça transformar os nossos suados vencimentos mensais num amontoado de papel sujo e sem valor...

Em breve, o avião deixava as nuvens cinzento-escuras, que encimavam o Rio de Janeiro, e penetrava numa zona mais clara de nuvens grossas e brancas. O sol das primeiras horas despontou logo dourando a paisagem e refletindo-se nas asas do aparelho. Como acontecia antigamente, o fato de encontrar-me no ar não me causava mais medo. Pelo contrário, ante a visão dos espaços intermináveis, sentia uma sensação de bem-estar envolver-me. Os ambientes fechados, limitados, da cidade, sim, é que continuavam a deprimir-me.

O frio lá em cima chegava a enrugar a pele do corpo. Solicitei uma bebida alcoólica, qualquer, um uísque, um conhaque; apelei até para uma cachaça! Tudo sem resultado.

Durante a viagem, travei conhecimento com o comandante do avião. Falamos sobre vários assuntos, inclusive a respeito de aviões. Depois, fixamos a nossa conversa no problema da sucessão presidencial. Disse-lhe, entre muitas coisas, que julgava Jânio Quadros uma segunda edição piorada de Frondizi. O comandante,

ao contrário, temia a vinda do marechal Lott por não ter confiança nos seus futuros auxiliares, provavelmente os nacionalistas... De qualquer maneira, o conhecimento com o Comandante deu oportunidade para que a gaiola, onde se encontrava o meu cachorro, fosse colocada num lugar melhor com mais conforto para o animal, longe dos demais objetos, que faziam parte da carga.

A proporção que fomos ganhando o interior do Brasil, verificamos que os passageiros cada vez se tornavam menos numerosos dentro do avião. Lá, de certo ponto em diante, é que começou a embarcar um ou outro de condição mais modesta. O interessante de tudo aquilo é que, dentro do aparelho, enquanto descia o padrão humano, o meu cachorro subia de importância e consideração. Já lhe fora permitido ficar fora da gaiola. Depois, com a sobra de lugares, ele acabou se apossando de uma poltrona e ali permaneceu refestelado, dormitando, durante a maior parte do tempo. Enfim, à medida que o avião se ia "pau-ararando" pelos vilarejos nordestinos do País, o cachorro já se dava a liberdade de efetuar passeios pelo interior do aparelho e foi até visto perambulando por dentro da cabine de comando, levantando a perninha em cima das inúmeras alavancas, que existiam naquele compartimento, labirinto de mostradores e ponteiros...

A tripulação, por sua vez, já não guardava com os passageiros aquela mesma consideração do início da viagem. O Comandante, como se havia levantado cedo naquele dia, esticou-se pelas poltronas e pôs-se a dormir, deixando os cuidados do voo entregues ao copiloto. Este, necessitando de descansos periódicos, entregava o controle do aparelho a um rapaz novo ainda, o comissário de bordo, curioso em assuntos de pilotagem... Este último,

como tinha interesse de chegar depressa a Parnaíba para ver a sua namorada, dava mais altitude ao avião, a fim de obter mais velocidade. As descidas, também, não as efetuava lentamente; baixava mais rápido para ganhar tempo.

Eu, infelizmente, representante, subproduto, de raças fracas e decadentes, sofria por ocasião dessas manobras. Com as elevações de altitude, doíam-me alguns dentes em consequência de reações pulpares e, nas descidas, além de ficar meio surdo, sentia dores de ouvido, causadas pela pressão do ar ainda não equilibrada. A sensação era a de que os meus tímpanos iriam arrebentar-se! Como as coisas se processavam, não me vi longe de ter de pilotar o avião...

Ao sobrevoar o sudeste do estado piauiense, notei que a vegetação ali era mais escassa. "É possível que esta região sofra bastante com a influência periódica das secas", pensei.

Tive uma noção, vamos dizer assim, mais real, de que me encontrava no estado do Piauí, ao desembarcar no aeroporto da cidade de Floriano, às margens do rio Parnaíba. O calor aí já se fazia sentir; o sol queimava as pedras do chão! A pista de aterragem e decolagem das aeronaves era precária; vimos apenas uma única construção pelas proximidades em cujo alpendre quedavam-se algumas pessoas curiosas.

A sensação do momento foi o meu cachorro preto, o "Belami"; juntou gente em volta dele para ver o que se começava a chamar de "cão sem focinho"! O mais interessante de tudo foi que os cachorros locais, alguns bem taludos em tamanho, fugiram dele, amedrontados, com a cauda entre as pernas.

Em seguida, levantamos voo para Teresina, a capital do Estado. Enquanto durava a viagem, travei conhecimento com um rapaz mara-

nhense, criado porém no Piauí. Contou-me ele curiosidades sobre o local, inclusive histórias sobre caçadas. De todas as espécies de caçadas, achei a das marrecas a mais interessante, justamente pela técnica empregada. As marrecas são encontradas aos bandos, numerosas, nas zonas cheias de brejos e de pequenas lagoas. O caçador, que pretende abater um bom número delas, sai sempre de casa disposto a passar pelo menos um dia inteiro ao relento. Mais importante mesmo que uma boa espingarda, constitui a marreca domesticada pelo caçador para servir daquilo que se costuma denominar de "chama". A "chama", conforme diz o próprio nome, é empregada para chamar o bando de marrecas, que se encontra pelas proximidades no momento. Uma boa "chama" vale às vezes um bom dinheiro!

Os amantes desta modalidade de esporte, ou mesmo um ou outro que vive do produto da caça, costuma ter várias "chamas", que poderão ser empregadas simultaneamente. As "chamas" são amarradas no local da caçada, aos "tornos". Um "torno" não é nada mais nem menos do que um pedestal de madeira, disposto de uma porção plana com espaço apenas para uma "chama". Os "tornos" são assim espetados, verticalmente, nesses terrenos pantanosos e devem ficar enfiados em linha reta em relação ao caçador. Assim sendo, as "chamas" ficarão todas alinhadas em coluna, o tanto possível para que o caçador, olhando para elas, de sua posição, veja apenas uma, que, no caso, encobriria todas as demais. Esta disposição, conforme se pode perceber prontamente, permite proteger as "chamas" do tiro dispersivo, que se faz ao bando, que se aproximará mais tarde.

O caçador, de preferência, deverá ficar o mais bem escondido que puder; as aves são inteligentes e se põem em fuga, tão logo

percebiam qualquer vulto, ou movimento estranho. Ainda como medida de proteção as marrecas, que servirão de "chamas", costuma-se cavar a lama disposta em volta do "torno", colocando-a para os lados, em pilhas, chamadas "leiras". Assim sendo, o "torno" ficará espetado no meio de uma certa porção d'água, que impedirá a aproximação exagerada das demais marrecas do bando. Efetivamente, quando esvoaça um bando de marrecas pelas proximidades, as "chamas", amarradas aos "tornos", põem-se a grasnar alto chamando de fato as marrecas desse bando, que em breve se aproximam, amontoando-se pelas "leiras", em volta dos "tornos". O caçador aí se serve à vontade e, usando projetis que estilhaçam, conseguem, em certas ocasiões, abater duas, três, ou mais marrecas de uma só vez.

Já o tatú, muito numeroso na região, é apanhado vivo na toca. Ao seu encalço, lança-se, normalmente, um cão treinado, que persegue o animal e o localiza depois nos lugares em que se esconde.

Caça-se muito no Piauí, ainda, pacas e viados.

Depois de ouvir estas explicações sobre caçadas, o avião aproximou-se e desceu no aeroporto de Teresina. O lugar, como me disseram anteriormente, era quente de verdade. E quente durante todo o ano!...

Apressados mais uma vez pelo Comissário do avião, rumamos em seguida para a cidade de Parnaíba, última etapa do meu vôo. Enquanto viajo, sigo admirando a extensão das terras, ricas em carnaúba, cortadas pelo rio Parnaíba, cujas águas vejo correr, vagarosas, em direção ao mar.

**

A CHEGADA

Ao sobre-voar Parnaíba, pouco antes do pouso, lembrei-me quando anos atrás chegava a Salvador, na Bahia, onde fora servir pelo espaço de tempo de um ano. Chegou-me rapidamente à memória a lembrança das dificuldades econômicas, por que passara naquela época, acompanhado da família. Os nossos colegas mais velhos, infelizmente em grande maioria, fecham os olhos, não querem de maneira alguma levar em consideração os problemas difíceis, que uma transferência, algumas vezes, acarreta na vida privada de um militar. Naquele momento, enquanto nos preparávamos para tomar o campo, tive receio de que os meus vencimentos, comprometidos por dívidas necessárias, não fossem suficientes para manter a família; principalmente tendo em vista a função de destaque que o capitão-dos-portos tem nos olhos dos parnaibanos. Era possível que me visse obrigado a elevar o meu padrão de vida em consequência do cargo que iria exercer.

Resignado, dentro da minha condição de homem do povo, aguardei, cheio de dores nos ouvidos, causadas pelo aumento da pressão de ar, que o avião descesse. Olhando por uma das janelas, verifiquei que o meu colega não havia chegado ao aeroporto. Constatei mesmo, levando em conta a importância que um capitão-dos-portos tem na cidade, que o número de pessoas presentes era insignificante. Tornava-se fácil, entretanto, de atinar-se com a causa. O avião, conforme tive a oportunidade de dizer, adiantara-se bastante. Mesmo assim, tão logo desembarquei do aparelho, pude verificar que se estabelecia um movimento bem considerável de viaturas junto à estação do aeroporto. Não estive longe de pensar que a recepção iria atingir, talvez, uma fase mais animada, com banda de música...

Logo a seguir, enquanto me aproximava do barracão, que servia de sede do aeroporto, foi-se perfilando uma boa quantidade de senhores, alguns até de cabeça branca, todos corretamente vestidos, engravatados, sorridentes, com ares receptivos. A proporção que os cumprimentava, fui verificando que a maioria deles se tratava de abastados comerciantes, pequenos industriais, proprietários de embarcações, etc, interessados em manter boas relações de amizade com o novo capitão-dos-portos...

Estavam ainda presentes o prefeito da Cidade, além de algumas outras autoridades do local. Chamou-me a atenção, logo de cara, a figura do monsenhor de Parnaíba, que, internamente, exercia as funções de bispo. Conforme vim a saber mais tarde, este monsenhor costumava "estar sempre em todas". Penso que procurava agradar às pessoas influentes para não perder (a semelhança do que acontecia nas classes armadas) o seu "lugar" com remuneração de "posto superior".

A nota mais característica, mais original, constituiu-se justamente na figura do meu coleguinha, que me iria passar as funções. Não posso deixar de dedicar-lhe algumas linhas, mesmo já mais ou menos preparado, como estava, para encontrar um tipo de certa forma diferente. Ainda no Rio, os demais colegas, ao se referirem a ele, não o faziam com boas palavras. Alguns, que lhe eram mais íntimos, limitavam-se a sorrir, quando eu lhes fazia lembrar a pessoa. Soube também, muito depois, que ele não era olhado com simpatia pela maioria das pessoas da sociedade local, o que, de certa forma, prejudicou a minha recepção de contar com a presença de uma pitoresca banda de música.

Mas continuemos apresentando o coleguinha. Ele me apareceu todo empavonado: fardado de branco engomado, com as barretes espetadas no peito. Para surpresa minha, recebeu-me com ar bastante formal; o seu próprio sorriso mostrava afetação. Parecia que o nosso colega cumpria uma simples rotina, com toda a frieza, com toda a indiferença com que um burocrata, por exemplo, assina o ponto diário na repartição. Enquanto me cumprimentava, deu um "show" de cacoetes com movimentos de boca, de cabeça e de braços. Sua expressão facial guardava uma certa intranquilidade muito comum àqueles loucos furiosos em estado de calma transitória. Após os cumprimentos e salamaleques iniciais, convidou-me para seguir em direção à Cidade. Ao chegar à porta frontal do barracão, que serve de sede do aeroporto, foi que vi, então, a viatura da capitania dos portos. Era uma caminhoneta, tipo jipe, antiga, pintada de cinza, já muito desbotada. Viam-se sinais de ferrugem por toda a carroceria; em alguns pontos, a lataria chegava a estar furada. Os pneus andavam carecas e os bancos, sujos e

descosidos, deixavam ver o recheio de clina. O cano de descarga dos gases devia apresentar furos no silencioso. O ruído do motor era quase o de motocicleta! Desconfiei que a caminhoneta tivesse também o chassi empenado, pois ela se deslocava meio de banda. Não me admirei de que ela estivesse naquelas condições, depois que vim a saber que o coleguinha aprendera a dirigir nela própria!

Antes de embarcarmos na condução, o motorista (lotado na Capitania como "foguista"), com muita subserviência, aprestou-se em abrir a porta para que entrássemos. Sua figura con-dizia bem com o momento. Estava fardado de marinheiro; de boné branco, engomado, na cabeça; armado de óculos "rayban", no rosto, e apara-mentado de luvas marrom. Estava imponente! Ele completava o Capitão-dos-Portos a quem eu iria substituir.

Em seguida, o coleguinha, mantendo as prerrogativas na qualidade de "mais antigo", apontou para o interior da viatura, convidando-me a entrar. Depois, com a imponência e arrogância de um almirante, aboletou-se ao meu lado e expediu ordens para que a condução partisse. Nesse momento, repeti baixinho, para dentro de mim, versos que me chegavam à memória:

... "Lambuzado de grande vaidade,

Arrotando muita austeridade"...

Os meus companheiros de condução trouxeram-me a lembrança das imagens de D. Quixote e as do seu escudeiro, Sancho Pança. A semelhança era grande!

Metemo-nos por uma estrada muito precária entre as areias que se alongavam por ali. A comitiva seguiu também logo atrás; a fila era bastante considerável! Mais uma vez, lembrei-me que, pouco antes, ainda no Rio de Janeiro, viajando nas conduções da Marinha, eu

me via obrigado a permanecer sentado em cima de embrulhos, ou mesmo de cócoras entre as pernas dos colegas "mais antigos", que superlotavam os bancos das caminhonetas. Naquela altura, deixando o aeroporto, com chofer de luvas e uma pequena corte de bajuladores, na retaguarda, engolindo poeira, eu seguia para as minhas novas funções.

Poucos minutos mais tarde, passamos a rodar pelo calçamento de pedra da Cidade. As ruas, as casas, as pessoas, deram-me uma impressão de calma, de tranquilidade, muito comum as cidades provincianas. A temperatura no momento estava agradável. Um vento fresco trazia renovadas disposições aos meus pulmões. Senti certa satisfação ao ligar a idéia de que iria passar uma temporada tranquila, com boas noites de sono e, provavelmente, feliz, naquelas terras. Era bem verdade que não teria os mesmos confortos do meu apartamento do Rio; estaria longe do contacto dos parentes, da deliciosa companhia dos amigos e longe também dos meus livrinhos queridos; mas, por outro lado, livrava-me dos ruídos da cidade grande, do seu tráfego tumultuoso, da falta d'água, da carestia imoderada do custo de vida; da possibilidade, não muito remota, de vir a ser comido pelo meu próprio semelhante, nesta época de carências generalizadas...

A noite, dormi no hotel Pálace, de Parnaíba, um verdadeiro oasis - confortável, limpo, agradável e, sobretudo, relativamente barato. Passei bem; dormi como um justo. Antes de fechar os olhos, nos confortos de um colchão de molas e travesseiros macios, li descrições de renovadas misérias no romance "KALUNGA", de Jorge de Lima. Depois, acompanhado de umas poucas "muriçocas" (mosquitos), que iriam ser as minhas próximas e constantes companheiras, deixei o estado de vigília para

penetrar no mundo caprichoso dos sonhos.

No dia seguinte, comecei a receber as funções do meu colega. Aos poucos, me fui inteirando das arestas da sua personalidade.

Logo no início da semana seguinte, e quando já começava a anoitecer em Parnaíba, levantou vôo o avião, que conduziria o colega - guinha de volta ao Rio.

Na manhã, que se seguiu, cedo ainda, estava eu recebendo a minha família no aeroporto. Novas recepções, sorrisos, apresentações de pessoas, que conhecera e que já faziam parte do cabedal de relações, que se formava em torno de mim. Começava ali um novo período, uma nova fase, na minha existência. Em Parnaíba, a vida seguia simplesmente.

**

NA REPARTIÇÃO

Logo ao sair de casa para o meu primeiro dia de trabalho, como capitão-dos-portos, dei de cara com o motorista da caminhoneta, que, dali por diante, tal qual acontecia com o colega, seria o meu motorista particular. Ele, sempre, guardava aquela atitude bem paramentada: boné armado, óculos "rayban" e luvas marrons. Recebeu-me em continência (apesar de ser marinheiro civil) com um sorriso amável. A caminhoneta já estava com a porta aberta e o seu motor aquecido, pronto para funcionar. O único trabalho que eu teria era o de sentar-me no banco traseiro, cujo forro continuava descolado em certos pontos, deixando ver alguns fios da clina do estofamento. No mais, dali eu seria transportado até a porta do meu gabinete, onde eu apenas mudaria de assento.

Mais uma vez, lembrei-me de Don Quixote e de seu escudeiro Sancho Pança. Minha reação foi a de dispensar o motorista; eu mesmo dirigiria a caminhoneta... Antes, porém, ocorreu-me uma idéia, que me deixou algum tempo a pensar. Quem sabe se o coleguinha não es-

taria com a razão? Estes pequenos pormenores bem que poderiam calar de maneira diferente no conceito do povo local. Era bem possível que os habitantes do lugar não estivessem vendo um "Don Quixote" e um "Sancho Pança", mas sim uma autoridade importante, envolvida por um pequeno grupo de auxiliares. As pessoas humildes deixam intimidar-se, facilmente, por demonstrações de opulência, de poder. Este é um dos métodos para se conseguir obediência, submissão. Resolvi, então, adiar a dispensa do motorista para mais tarde.

Em breve, travei conhecimento com os meus auxiliares na Capitania. Existiam funcionários antigos, com trinta, quarenta e até quase cinquenta anos de serviço na mesma função. Eram burocratas compenetrados, graves e educados. Tornaram-se indivíduos de grande utilidade no serviço em consequência do excesso e da complicada burocracia das nossas repartições públicas; principalmente na Marinha do meu tempo, onde uma das poucas coisas que tinham movimento era ainda o papel. Eles conheciam toda a rotina de trabalho da Repartição. Eram leitores assíduos de regulamentos, de circulares e de avisos ministeriais.

A Capitania possuía três mocinhas pernambucanas, recentemente admitidas como funcionárias e transferidas para Parnaíba. Das três, uma era advogada e outra, estudante de direito. A primeira nunca demonstrou conhecimentos que justificassem o seu diploma. No entanto, assinalava-se usando o título de "Doutora" antes do nome. A segunda, conforme disse, era acadêmica de direito. Certa vez, dirigiu-me um requerimento quase incompreensível pelas impropriedades usadas no idioma.

A terceira, finalmente, não era estudante. Desde que chegara a Parnaíba, fora vítima de desarranjos intestinais por motivos vários, inclusive por causa da água. Certa vez,

na Capitania, depois de curada, querendo dar - me noção mais real da intensidade dos seus padecimentos, falou-me que, num período de algumas horas, enquanto se encontrava doente, compareceu vinte e duas vezes ao vaso sanitário... Sua afirmativa, como era natural, trouxe-me a ideia de vastas quantidades de dejectos líquidos e mal cheirosos... E ainda hoje, quando a vejo, não deixo de pensar nas suas vinte e duas investidas ao vaso sanitário.

O encarregado do serviço de fazenda, por incrível que pareça, chamava-se Dylce. Aliás, em curiosidades sobre nomes próprios, o Piauí é pródigo. Vejamos alguns desses nomes curiosos: Erotides, Misteração, Mirocles, Escórcio, Athestlian, Pergentina, Conegundês, Patriotino, Telésforo, Equililérico, etc. Alguns deles eu conheci. A nossa melhor amiga chama-se Honorina. Existem ainda certos nomes, que fazem lembrar uniões conjugais, como por exemplo o de Ludinardo, que é um mixto de Ludimila e Bernardo. O mais interessante é o nome de um sujeito da terra, que se chama Prodador de Marichá de Marimé, que significa o produto do amor de Mariano Chagas e Maria Amélia.

Terminando a apresentação do pessoal da Capitania, temos de falar dos marinheiros - civis em sua maioria. Eles são bem melhores do que os marujos do Rio de Janeiro. Mais limpos, mais educados, mais disciplinados e dedicados ao serviço.

Qual a explicação desta diferença sensível entre gente da mesma massa?

Diriam, provavelmente, as pessoas muito católicas:

-É possível que os marinheiros do Piauí sejam mais religiosos.

Diriam os parnaibanos mais bairristas:

-O piauiense, como povo, é superior

ao pessoal dos outros estados.

Diriam ainda os individualistas:

-A explicação pode ser encontrada nas boas administrações dos capitães-dos-portos, que passaram por Parnaíba.

Eu, propriamente, encontro a explicação disto na situação econômica dos marinheiros piauienses. O custo de vida em Parnaíba anda três ou quatro vezes menos caro que o do Rio. De modo que o pessoal pode levar uma vida num padrão mais compatível com a dignidade humana. Conseguindo, por intermédio dos seus vencimentos, alimentar razoavelmente a família; tendo ainda serviços médicos regulares e instrução para os filhos, o marinheiro procura, por outro lado, retribuir o que recebe apresentando um rendimento melhor de trabalho.

O maior problema do povo brasileiro não é o de educação, de moral(falta de religião), ou racial. A nossa crise maior é econômica, antes de qualquer uma outra.

**

CURIOSIDADES LOCAIS

Ao fim de algum tempo, familiarizei-me com o caminho entre a minha casa e a Capitania. Procurando ser leal comigo mesmo, o que aliás venho sempre fazendo, dispensei de vez o motorista e passei a dirigir a caminhoneta.

A diferença entre Parnaíba e o Rio é enorme. Criei-me no Rio de Janeiro; vivi sempre confinado no interior de casas de apartamentos. Com algumas excessões, nós todos moramos ali quase sem espaço, sem luz, sem um cenário natural qualquer, que nos abrande os nervos, sempre tensos na agitação da vida diária. Vivemos lado a lado com os vizinhos. A aproximação excessiva nos faz conhecer até os pormenores dos seus problemas domésticos. Enfim, é uma existência sempre limitada por quatro paredes e atribulada por sobressaltos constantes.

Aqui (no Piauí), muito ao contrário, vive-se à larga! O espaço é praticamente ilimitado. Depois do perímetro urbano da cidade, estendem-se areais intermináveis. Não existem apartamentos; as casas são amplas e não falta

um bom número delas para alugar.

Aos poucos, vamos nos integrando no contacto salutar das coisas da natureza. Passamos a colher e a comer frutos do nosso próprio quintal. Habituaamo-nos ao convívio dos animais domésticos e assistimos, cheios de espanto, nos nossos canteiros, os milagres da terra, que nos transforma simples sementes em hortaliças frescas e viçosas.

Este viver provinciano, tranquilo, vai excitando a nossa veia poética, provocando versos como os que se seguem abaixo, aos quais peço desculpa pela pobreza das rimas:

POEMA DE UMA GALINHA CHOCA

Meu Deus, que satisfação!
Sou uma galinha feliz;
Palpita-me o coração
Com tanto filho petiz!

*

Lembro bem, tempos atrás,
Ao ter aquela quentura,
Deixei de ser eficaz
Quando acabou a postura...

*

Cacarejava bem rouco
Co'as penas em arrepio;
Chorei, comia até pouco;
Larguei depois o meu pio.

*

Com dó da minha tristeza,
Deram-me um dia dez ovos!
Só vendo, que gentileza!
Oh! Ter pintinhos bem novos...

*

Fiquei bom tempo no choco
E mesmo além do normal!
Olhem, sofri bem um pouco;
O parto não foi banal!

*

No fim de toda esta empresa,
Vejo sair, de mansinho,
Algo que, para surpresa,
Chamou-se logo um "patinho"!!

*

Co'a azar e pra meu castigo,
Ouvir-se até falação!
Disse baixinho comigo:
Perdi a reputação...

*

Pus-me afinal a pensar
Na causa do acontecido;
Por mais que olhasse o lugar,
Não vi ninguém parecido...

*

No galinheiro do lado,
Julguei achar solução;
Mas vi, não houve culpado,
Pois era galo capão

*

Aqui, no nosso terreiro,
Sempre vivi de regalos;
Galinha sou, de poleiro,
Conheço todos os galos...

*

Achando tudo complexo,
Larguei a causa de mão;
Nas coisas todas do sexo,
É enorme a confusão!...

**

Uma das coisas que me vem chamando a atenção e me vem incomodando também é o fato de certas pessoas transformarem a minha residência, o meu lar enfim, numa segunda edição do lugar onde trabalho. Como geralmente no Rio se faz distinção entre uma coisa e outra, o fato que aqui se verifica não me podia deixar de chamar a atenção. Atribuo isto à simplicidade peculiar do provinciano, ou então é

um sinal de egoísmo de parte dele, pois quase sempre os motivos são de caráter particular.

Sou procurado em casa, nas horas mais inconvenientes possíveis, para resolver assuntos atinentes à Repartição de onde sou o chefe. Esta prática tornou-se tão constante, que pensei, seriamente, em colocar um aviso na frente da casa fazendo ver que a residência é um lugar que deve ser respeitado. O lar, enfim, é o local onde aproveitamos o tempo, que nos sobra, para nos dedicarmos à família, aos parentes e amigos; é o lugar, ainda, destinado ao nosso descanso individual.

E por falar em amigos, na minha casa tem desfilado uma legião deles. Chegam também para visitar-nos sem aviso prévio. É o costume local. Todos, sem exceção, se tem mostrado de uma gentileza sem par. São muito solícitos; nos cercam de amabilidades, de presentinhos com produtos típicos do lugar. De muitas maneiras, procuram ser agradáveis. A maioria deles tem interesses ligados à repartição onde trabalho. Além disto, noto certo bairrismo acentuado, que os faz mais receptivos, mais amáveis ainda, com a finalidade de agradar-nos para que tenhamos boa impressão da terra. Observo neles também alguma dose de vaidade pessoal. Adoram a companhia do Capitão-dos-Portos pela autoridade que ele representa, pelo prestígio que ele empresta com a sua presença. Alguns procuram ainda aproximar-se do Capitão-dos-Portos, movidos por aquela curiosidade, especial de certas criaturas, pelos elementos forasteiros. Gostam de conhecer gente estranha, de ouvir novidades, de escutar pessoas falando com sotaque diferente. Não querendo ser ingrato, reconheço alguns espíritos altamente hospitaleiros. De modo geral, são pessoas que nasceram e viveram nos grandes espaços, na simplicidade da vida em contacto com a natureza.

Os pedintes de esmola são também numerosos. Aparecem à porta de casa solicitando, por exemplo, "auxílios para conserto da Paróquia", "auxílio para a festa dos Capuchinhos"; esmolas para Santo Antônio, para São Benedito e até para São Raimundo Nonato, santo este que dá nome à grande parte do povo masculino do Piauí.

Os vendedores ambulantes desfilam pelas ruas e nos perguntam sempre se desejamos "fazer negócio". Vemos, assim, aquele mesmo sorveteiro de "casquinha", já quase desaparecido no Rio, com o pote de sorvete na cabeça. Aparecem vendedores de galinhas com varas apoiadas no ombro e cheias de aves penduradas pelos pés. Temos ainda os vendedores de ovos, vendedores de potes de cerâmica, de jarros de louça, as bordadeiras, etc. Como se pode perceber, o movimento à porta de casa é considerável! A ponto tal de haver necessidade, em certas ocasiões, de colocar-se uma pessoa especialmente para atender às partes.

As noites, muito ao contrário, são sossegadas; a população dorme cedo... Possuindo vizinhos calmos, amantes do silêncio, as horas de sono tornam-se deliciosas, auxiliadas ainda pelo clima ameno, agradável, do "verão" parnaibano, que vai de junho até dezembro, mais ou menos. No Nordeste em geral, designa-se por "verão" os meses sem chuva e é, justamente nesta temporada, que sopra um vento fresco ininterrupto (noite e dia). No "inverno" dá-se o contrário: Há muita chuva, os ventos desaparecem, faz mais calor.

No dia seguinte, já às cinco e meia da manhã, começa-se a ouvir os vendedores de carvão. Eles são acompanhados de jericos, que fazem o transporte da carga. A maneira de entoar, de anunciar a mercadoria, é sempre a mesma; todos possuem a mesma "cantiga":

-Carvão!... vão... Carvão!... vão...
Diariamente, acordo com este pregão; quando ele surge, é sinal de que um novo dia começa a despontar.

**

ORQUITE

Comigo, não sei por quê, passam-se as coisas mais curiosas possíveis. Até mesmo as doenças assumem em mim, as vezes, uma feição cômica. Ora, foi assim que fiquei acometido de uma orquite pouco tempo depois de chegado a Parnaíba.

Conforme se pode prever, senti dores horríveis; porém, mais tarde, com a diminuição do processo inflamatório, as dores se foram abrandando e, por último, mantinha-me no leito, única e exclusivamente, para gozar de um período de convalescência mais rápido.

Os meus amigos de Parnaíba, como não podiam deixar de o fazer, vieram visitar-me acompanhados de pessoas da família. Antes mesmo dos maridos tomarem conhecimento do que se passava comigo, vieram as suas esposas perguntando:

-O que é que o senhor tem?...

Para não encabular senhoras, pus-me a inventar doenças e foi por isso mesmo que andei escutando relatos de curas espantosas.

Fui, algumas vezes, induzido a tomar isto e aquilo para ficar bom. Todo o mundo receitava! Tão pronto os amigos de casa souberam que eu estava com uma orquite, notei neles certo desapontamento. Isto porque a minha doença fazia lembrá-los de que eu deveria estar de "saco cheio"...

Nos dias subsequentes, ao se renovarem as visitas, verifiquei que as esposas permaneciam na sala de visitas, enquanto os maridos é que penetravam no meu quarto para me perguntarem pela saúde; o que faziam, em algumas ocasiões, com certa malícia. Por outro lado, eu também não me fazia de rogado; quase sempre afirmava que a inflamação tinha dobrado a função.

Em Parnaíba, existem duas sociedades de senhores conhecidas por "Rotary Clube" e "Lion's Clube", nomes estes inspirados, conforme o próprio nome indica, pela gente das terras de "Tio Sam".

Tanto o "Rotary" como o "Lion's" são compostos por senhores e rapazes representantes das classes sociais bem aquinhoadas do lugar e adotam, como diretriz de trabalhos, a caridade. São por isto muito bem vistos pelos dirigentes da diocese católica de Parnaíba. Os associados, confirmando a regra, são católicos também na sua maioria.

A maçonaria, outra organização semelhante, muito ao contrário, não é olhada com bons olhos pelos padres da terra; isto porque esta seita, com seus encapuzamentos e ordenações, rivaliza em rituais e objetivos com a igreja católica.

Mas, voltando ao "Rotary" e ao "Lion's", os seus associados reúnem-se, geralmente, uma vez por semana em assembleia geral. As reuniões são feitas no melhor hotel da Cidade e os assuntos nelas tratados se desenvolvem, concomitantemente, com um banquete, que é servido. Assim

é que, enquanto se come com calma perus assados, farofas com azeitonas, e se bebe cervejas geladas, tratam-se às vezes de assuntos ligados à pobreza, à indigência, etc. Durante esses jantares, combinam-se festinhas de caridade, prestam-se homenagens a aniversariantes e escutam-se discursinhos pseudo-literários. Alguns gostam de fazer parte destas sociedades com o objetivo de gozarem algumas horas fora do controle da esposa. Podem assim escapulirem para uma pequena farrinha, simulando em casa que vão para a reunião do "Rotary" ou do "Lion's"...

Participei como convidado de uma das reuniões do "Lion's Club". Durante o jantar, fui alvo de homenagens, devidas mais ao cargo que exerço na Cidade. Trataram-me o tempo todo por "excelência"...

Enquanto dava prazer ao meu estômago, mastigando coxinhas macias de frangos assados e bebendo depois, com ares "blasé", pequenos goles de água mineralizada, eu ia escutando falar de donativos, de festinhas de propaganda, de desfile de modas e de concursos de beleza. Já quase ao final do banquete, houve um programa humorístico para animar os associados. Naquele momento, os sócios "mais inconvenientes", durante o jantar, eram "multados" em dez cruzeiros. Quando se anunciou, entre gargalhadas, a primeira multa, o meu vizinho ao lado balbuciou-me ao ouvido com certo orgulho:

-Esses dez cruzeiros servirão de doativo aos pobres...

**

UM POUCO SOBRE O ESTADO

Dizem que Parnaíba tem cento e poucos anos de fundada. Sua história está pois ligada ao governo imperial de D. Pedro I.

O rio Parnaíba, que emprestou o seu nome à Cidade, desemboca nas águas do Atlântico por um delta de proporções consideráveis onde se contam sete braços distintos, confundidos pelo padre Vieira, que julgou tratar-se de sete rios diferentes.

A cidade de Parnaíba está, justamente, situada às margens de um destes braços, que aqui toma o nome de "Igarassú", denominação esta que significa, em linguagem indígena, "caminho de canoa grande". Verifica-se que a sua localização obedeceu a um plano de interesse comercial. O vale do Parnaíba, com todos os rios afluentes, é uma região fértil como o são em geral as terras vizinhas às margens dos rios. O Parnaíba nunca seca, nem mesmo nos piores meses de estiagem.

O clima no Piauí é dividido em dois períodos distintos: o "verão", que vai do mês de junho a dezembro, e o "inverno", que come -

ça mais ou menos em princípios de janeiro e se estende até junho, aproximadamente. O "inverno" piauiense é caracterizado pelo período normal das chuvas. A palavra "inverno", aqui no Estado, é quase sinônima de chuva. O "verão", ao contrário, é conhecido pelo período das estiagens, da ausência de chuvas. Estes meses de seca atingem mais as regiões leste e sudeste do Estado, cujos rios, lagoas, etc, secam completamente.

Os estados compreendidos dentro do conhecido polígono das secas ficam também sujeitos ao mesmo problema, cujas consequências já nos são bastante conhecidas.

Como o rio Parnaíba e os seus afluentes se ressentem apenas de um desnível nos meses de seca; desnível este que não chega aos exageros de uma ausência completa de água, acontece que, mesmo durante os períodos de estiagem mais rigorosos, as terras vizinhas ao leito do Parnaíba e ao dos seus tributários mantêm-se sempre favoráveis à pecuária, pelas suas pastagens; e à agricultura pela sua constante umidade. Por este motivo, em época não muito remota, o Piauí foi possuidor de um dos maiores rebanhos da região norte do país. Os criadores dos estados vizinhos, fugindo dos rigores da seca, vinham localizar-se pelas terras do baixo e médio Parnaíba. Ora, como acontecia naquele tempo e ainda se verifica nos dias de hoje, todo o sul do Estado ficava estancado em relação aos estados vizinhos pela ausência absoluta de estradas, ou de qualquer outro meio de comunicação. Assim sendo, a produção do Estado, mais representada pela carne bovina e, na agricultura, pelo arroz, feijão, milho e mandioca, escoava-se pelo rio Parnaíba para os portos naturais de Amarração e Tutóia (este último já no estado do Maranhão) e daí seguia,

em pequenas embarcações, para as cidades dos estados mais assolados pelas secas.

A cidade de Parnaíba foi fundada em consequência do comércio, que então se estabelecia entre o Piauí e os estados vizinhos. O próprio local onde ela se acha edificada facilitava, como facilita ainda hoje, o escoamento da produção. Parnaíba, pode-se dizer, é o ponto terminal da navegação no rio do mesmo nome, como também se encontra favoravelmente colocada no delta entre os portos de Luiz Corrêa (antiga Amarração) e Tutóia.

A partir do aproveitamento em larga escala da cera de carnaúba e do côco babaçu, principais produtos do Estado, Parnaíba floresceu como cidade. Fundaram-se inúmeras companhias de navegação fluvial, que muito ajudaram o comércio nas cidades de Teresina, Floriano, Uruçuí e outros portos situados rio acima. Atualmente, o progresso da Cidade é diminuto. Além das causas de ordem política, sobejamente conhecidas e que atingem em sua malignidade todo o País, temos outras causas locais, que muito prejudicam a vida da Cidade, como por exemplo: abertura de vias de comunicação entre Teresina e os estados vizinhos; inavegabilidade cada vez mais pronunciada no rio Parnaíba; precariedade crescente dos portos de Luiz Corrêa e de Tutóia.

**

UM POUCO SOBRE PARNAÍBA

Parnaíba abriga cerca de quarenta mil habitantes. A cidade guarda ainda aquele aspecto antigo, provinciano, com ruas estreitas e perpendiculares, que o povo local chama de "becos". As casas, com algumas exceções, são daquele estilo português de anos atrás, sem gosto, de proporções avantajadas e mal divididas. As construções, em geral, ocupam toda a área do terreno, de modo que vemos portas e janelas abrindo-se diretamente para a calçada da rua.

As vivendas modernas e confortáveis são poucas e pertencem, justamente, aos magnatas do babaçu e da cera de carnaúba, produtos que vêm enriquecendo os seus exportadores, pela excelência dos preços de venda e pela miserabilidade dos salários da gente que trabalha nas áreas de produção.

As melhores habitações, como não podia deixar de acontecer, localizam-se dentro do perímetro urbano da cidade, isto é, até onde vai o calçamento. Daí por diante, as casas são substituídas por palhoças feitas de terra

batida e cobertas com folhas secas de carnaúbeiras. A vida pobre, primitiva, da maioria dos habitantes nos provoca sempre aquela exclamação interior: -Como é que pode?!...

Parnaíba não foge ao aspecto provinciano das cidades do interior do Brasil. É uma cidade pequena, com a sua praça central onde se vê uma igreja católica(catedral), um cinema bem modesto e as principais lojas do comércio. A praça, aos domingos à noite, é o principal ponto de reunião popular. Existe uma outra praça, a de Santo Antônio; esta vive às escuras e é, justamente, procurada pelos casais mais isolacionistas e amigos, como é natural, de Santo Antônio...

Os habitantes do lugar vivem quase em função do rio Igarassú(um dos braços do delta do Parnaíba). O rio fertiliza-lhes as terras; serve de via de comunicação; fornece água, que é usada para o consumo doméstico; é utilizado também pelas lavadeiras, que são encontradas a todas as horas do dia ao longo das margens. E, segundo dizem, recebe o esgoto das palhoças situadas pelas suas proximidades.

O abastecimento d'água, em Parnaíba, é feito nos mesmos moldes primitivos como o era desde os tempos da fundação da cidade. A água é recolhida do rio em toneis e transportada no lombo de jericos até à porta do consumidor, que compra toda a "carga", isto é, o conteúdo de dois toneis, pelo preço de dez cruzeiros(mesma importância do custo de um "litro" de feijão). Os caboclos, que fazem o trabalho de abastecimento, são conhecidos pelo nome genérico de "cargueiros". São, em regra, empregados de outros indivíduos de situação econômica melhor, que lhes exploram os serviços. Os "cargueiros", em sua maioria, ou por falta de escrúpulo, ou por comodidade, ou mesmo por ignorância, vão normalmente encher os seus toneis pelas proximidades das áreas onde as la -

vadeiras trabalham. Às vezes mesmo, servem-se das vizinhanças do curtume da Cidade, que utiliza também o rio na lavagem das peças de couro. A "carga" é recolhida, justamente, junto às margens onde a massa de água é mais parada e mais sujeita à poluição. Por mais incrível que pareça, conta-se que já foram visto "cargueiros" recolhendo água do rio no mesmo ponto e no mesmo momento em que um jerico lançava o seu líquido urinário.

A água, como não podia deixar de ser, é meio barrenta e mais ainda por ocasião das "invernadas", quando as chuvas são mais abundantes pelas cabeceiras do rio. O tratamento dessa água, fornecida pelos "cargueiros" e utilizada pelo povo, varia de acordo com a condição econômica do consumidor. Os mais abastados submetem a água a um processo de decantação em potes de barro onde o líquido se livra de grande parte das partículas sólidas, que se depositam. Depois, ela é fervida e submetida em seguida a filtrações. A seguir, o líquido passa por um recipiente onde, em forma de cascata, entra em contacto melhor com o oxigênio do ar. Somente então depois de todas estas operações é que a água está pronta para entrar na geladeira, a fim de receber a temperatura conveniente e ser, em suma, utilizada.

Este tratamento dispensado decresce à medida que a situação econômica da pessoa se vai tornando mais modesta. Termina no caso dos "vareiros" (caboclos que impulsionam canoas no rio por meio de varas), que se alimentam de paneladas de feijão, preparado toscamente dentro da própria canoa. Este feijão, depois de engrossado com farinha bruta de mandioca, é ingerido em largas porções, acompanhado de fartos goles d'água, recolhida ali mesmo com todas as contaminações possíveis e bebida numa lata, quase sempre enferrujada. Quando terminam a "refeição", os seus ventres ficam incha-

dos e dobram sobre o cinto da calça. Estes indivíduos vivem por ali, nas canoas, e dormem em redes penduradas na própria embarcação. Não raras vezes, a única coisa que possuem são os andrajos, que trazem vestidos no corpo.

Com relação ainda à água de beber, é assim mais ou menos o que acontece entre as populações mais pobres. A mortalidade infantil, por este e outros motivos, atinge cifras alarmantes. Entre os adultos, existe alguns que se tornam bastante resistentes, quase imunes a certas doenças; porém, a maioria se acaba cedo. Há sujeitos de quarenta anos que parecem velhos.

Existem doenças, que aparecem com muita frequência na região. A doença de Chagas, também chamada de "papeira", é muito conhecida entre as populações do interior do Estado. "Barbeiro" é o nome mais comum do famoso inseto transmissor da doença, principalmente no estado de Minas Gerais. Aqui no Piauí, ele é conhecido pelo nome de "chupão".

A malária é outro flagelo, que aparece com certa constância. O tifo surge, às vezes, com surtos epidêmicos por ocasião das enchentes do Parnaíba. As disenterias são hóspedes presentes em todos os lares. As amebíases aparecem dizimando centenas de crianças anualmente. A lepra (ou mal de Hansen), as avitaminoses, a tuberculose, a ancilostomíase, o tracoma, a febre amarela, são doenças sempre presentes.

**

NATUREZA - FOLCLORE - POESIA

Com excessão das terras fabulosas do delta do Parnaíba e de todas aquelas situadas as suas margens, como as margens também dos outros rios, seus afluentes, todo o território do Estado sofre muito com o período prolongado das estiagens. Já disse o ensaísta piauiense, Renato Castelo Branco, no seu livro "A Civilização do Couro", que o rio Parnaíba funciona como um traço divisorio separando territórios altamente assolados pelas secas e "as flores - tas opulentas da Amazônia, de que o Maranhão é um apêndice geográfico. Assim, a seca extrema e a exuberância extrema aí fazem fronteira."

A cidade de Parnaíba está plantada num solo arenoso. As terras, acompanhando o litoral e numa boa porção para o interior, são todas assim - arenosas, saharizadas, com aparências de deserto. Durante os meses, que caracterizam o período de estiagem, ou seja o "verão", o clima em Parnaíba é ameno, ventilado e agradável. As dunas de areia formam-se e desfazem-se com rapidez espantosa. Vemos, às vezes, nos vilarejos praianos, a areia tomar

totalmente praças públicas em pouco tempo.

Dadas as condições do solo, todas as viaturas em Parnaíba são do tipo "jipe", ou sejam máquinas com "redução" para força. Qualquer outro veículo em Parnaíba, além do perímetro urbano, enterrar-se-ia irremediavelmente na areia fofa, que se estende pelas estradas afora. Este tipo único de veículo, encontrado na Cidade, deu motivo a que se chamasse Parnaíba de "jipelândia".

A vida no Estado é função do rio e das chuvas, que caem nos meses chamados de "inverno" (de janeiro a fins de maio). Uma boa "invernada" é sinal de boas colheitas, de relativa fartura, de vida barata. A pouca, ou a ausência completa de chuvas, significa desolamento, fome, miséria.

Um bom "inverno" é caracterizado pela moderação e constância das chuvas. Um "inverno" rigoroso, isto é, com chuvas prolongadas e torrenciais, prejudica os agricultores pelas inundações que provoca com o transbordamento dos rios. Assim, com o término do ano, os pensamentos se voltam para o mês de janeiro próximo, na expectativa de que as chuvas cheguem logo com regularidade. O pobre deseja a chuva para poder ter o que vender e o rico também a deseja para poder ter o que comprar.

Quando o céu da Cidade se tolda de nuvens cinzento-escuras, carregadas, ameaçadoras, trazendo o local na iminência de chuvas fortes, o parnaibano, imediatamente, se refere a este fato dizendo que "o tempo está bonito". As chuvas trazem tanto benefício à região, que é comum ao piauiense de qualquer categoria, ou condição social, ficar de bom humor simplesmente com um dia chuvoso. Nas cidades, por essas ocasiões, há pessoas que saem à rua munidas de guarda-chuva, de capa, e até de galochas para aproveitarem a oportunidade de apanhar um pouco de chuva... Outras perma-

necem dentro de casa, mas telefonam-se para comentarem a novidade alvissareira. No dia seguinte, a chuva é ainda o assunto em foco; nessa ocasião, é que se fazem mais os prognósticos a respeito do "inverno", que começa surgir.

A influência da igreja católica em Parnaíba, como em muitas outras cidades pequenas do interior do Brasil, é marcante. Certas datas, que em cidades populosas geralmente passam despercebidas, aqui em Parnaíba são muito lembradas; como acontece por exemplo, no início do mês de janeiro com o dia de Reis (dia 6). Via de regra, o prefeito faz da data um feriado municipal. Além disto, assistimos a alguns costumes folclóricos, que nos fazem lembrar o Rio de Janeiro antigo, que conhecemos através das crônicas publicadas em livro.

É hábito de moças e rapazes, de condição humilde, virem angariar donativos à porta das casas das pessoas mais abastadas, por ocasião dos primeiros dias do mês de janeiro, pouco antes do dia de Reis. Os grupos surgem à noite, depois do jantar, mais ou menos pelas oito horas. Quase sempre, trazem um ou outro instrumento de música, além do pandeiro, ou de um tambor, e entoam canções alusivas à data, até que o dono da casa lhes apareça com uma gorjeta qualquer. Numa destas oportunidades, tivemos a ocasião de anotar a letra de uma das canções, das muitas que ouvimos, e que abaixo vai transcrita:

FESTA DE REIS

"Desde o dia vinte e quatro,
Vai até o dia seis
Pedindo os anos bons
Festas e Reis.
Pedindo a quem pode dar
Um coração generoso,
A nós não pode negar. | bis

Esta casa está bem feita
Por dentro, por fora não.
Por dentro, cravos e rosas;
Por fora, manjerição.

*

Senhora dona da casa,
Saia fora do terreiro
Que do céu já está caindo | bis
Serenos da água de cheiro.

*

O sol entra pela porta,
A lua pela janela,
Estamos esperando a resposta, | bis
Nós não sai daqui sem ela".

*

Depois que o dono da casa concorre com qualquer donativo em dinheiro, eles cantam, finalmente, em agradecimento:

"Deus lhe pague seu Santo Reis,
Deus lhe dê muito que dá;
Menino Jesus da Lapa, | bis
Ele vos quer ajudar."

**

Mais tarde, quando o silêncio volta à nossa rua, ficamos a embalar-nos na rede, acariciados pela brisa fresca da noite e ao som periódico dos grilos, que se juntam próximos à janela. Lembramo-nos, então, de que já iam para o quinto mês de permanência em Parnaíba. Segui pensando, afinal, que, na minha transferência para o norte do País, tive a felicidade de ir para o desconhecido Piauí.

Mais do que nunca, sinto a vida correr suave, calma e feliz. Vou comprando um feijãozinho barato, sempre presente à minha mesa, além de outros gêneros - arroz, carne, peixe, uma ou outra verdura, tudo adquirido com relativa facilidade e por preços inferiores aos encontrados nos mercados dos demais estados.

Convivemos com pessoas que sentem

necessidade de se tornarem agradáveis, simpáticas, e que nos cercam de gentilezas. Do vizinho da direita, recebemos pratinhos de quitutes típicos do lugar; do outro, da esquerda, convites para lanches, para jantares. Do outro ainda, mais adiante, somos de quando em quando surpreendidos com uma caranguejada comida à noite, ao ar livre, segundo o costume, e acompanhada de bebidas regionais. Estes serões entram, em certas oportunidades, pela noite dentro e vão terminar de madrugada. Outras vezes, somos nós quem provocamos tertúlias litero-musicais, muito cheias de canções dolentes, de valsas e de dobrados antigos. Na província, vemos reproduzidos muitos costumes, que nos fazem lembrar o tempo em que éramos pequenos, quando ainda viviam os nossos avós.

Há meses atrás, sentíamos pesadelos ao pensarmos que teríamos de trocar o Rio de Janeiro pelo Piauí. Hoje, já começa a preocupar-me a lembrança de que terei de voltar ao Rio brevemente.

Com a alma embebida dos costumes, das coisas locais, começamos, por adiantamento, cantando em versos a simplicidade e o colorido de tudo que nos parece poético e sublime.

São de lavra própria os versos escritos abaixo:

PARNAÍBA

Parnaíba do meu coração,
És a porta do imenso sertão,
Que se estende, se alarga e se some
Nas chapadas, nos vales e serras.
És querida e bendita entre as terras
Do Brasil, que é um país de renome.

*

Tua calma e teus ventos constantes

Nos recordam os anos distantes,
Fartos tempos de estada no mar!
Enfrentávamos grandes tormentas
E, cruzando mil ondas violentas,
Nossa vida era só navegar.

*

Parnaíba das noites tranquilas
Em que o sono nos tapa as pupilas
Convidando-nos para sonhar.
Viajamos por terras famosas
E até vemos mulheres formosas
Sem sair deste mesmo lugar.

*

E na calma de um longo dormir,
Nós ficamos até sem sentir
No terreiro passarem ladrões;
São daqueles que levam galinhas,
Pra depois, procurando as vizinhas,
Ir vendê-las com largos pregões.

*

Parnaíba, como és festejada!
E que noites de caranguejada
Onde vemos reinar a chalaça!
Quase sempre, entre alguns pequenotes
Escutamos surgir os dichotes,
Que anunciam correr a cachaça...

*

O teu povo é feliz e pacato;
É modesto, é humilde, é beato;
Satisfaz-se com pouco feijão.
Vive sempre sem muito sustento;
Quer apenas, por divertimento,
Os seus banhos em Amarração.

*

Se algum dia vier te largar,
Não garanto deixar de chorar;
Entre tudo, haverá a emoção...
Parnaíba, vem cá, vem ouvir!
Se deixares, irei repetir:
Cabes toda no meu coração...

**

TIPOS CURIOSOS - "CANTADORES" - COMÉRCIO

O povo no Piauí é muito social. Tanto em Teresina(capital) como em Parnaíba, os clubes, as praças, as igrejas, regurgitam de gente nos dias de festa. A sociedade está sempre promovendo bailes, apresentações teatrais, desfile de modas, bingos-dansantes, etc.

Sábado último, fui ao baile de um dos clubes de Parnaíba, conhecido pelo nome de "Cassino". Era uma festa de apresentação das novas "debutantes" da sociedade. Houve muita música, desfiles, sorrisos e apresentações. Causou sensação, andando na passarela, uma senhorita de Teresina, que me chamou a atenção pelo seu nome original - Maria dos Remédios Furtado.

E, por falar em bailes, chegou-me às mãos um convite muito interessante pelo conteúdo da sua redação. Ei-lo:

"ILMO SNR.

Venho por meio deste cartão convidando os meus amigos para compartilhar neste baile que eu irei realizar na noite do dia 15 de

maio de 1958, na minha residência sito, no Bairro S. de Fatima.

Este grandioso baile será denominado de meu Aniversario Natalicio.

Tenho na certeza dos vossos mais franco apoio, de já confessamo-nos agradecidos."

Antônio Regis Soriano

No domingo de manhã, o programa da terra consiste no banho de rio, ou então em correr o mercado, caso este esteja em época de "safra"(bem sortido de gêneros).

As instalações do mercado de Parnaíba são precárias, pobres. Há um prédio central, antigo, sujo e mal tratado, onde se encontram as bancas de peixe e de carne. Ao seu lado, existe um outro com as quitandinhas armadas em caixotes de madeira. Na rua junto ao meio-fio, se estendem numerosas bancas de comércio variado(secos-e-molhados e armarinho, em maior quantidade). Aparecem ainda numerosos vendedores ambulantes com artigos de toda a espécie - redes de dormir, "cofos"(bolsas de palha de carnaúba), calçados, objetos feitos de chifre de boi, aves(galinhas, patos e marrecos), quinquilharias, etc, além dos vendedores das frutas do momento. O aspecto geral(em falta de higiene) não chega aos exageros dos mercados da capital baiana(Salvador), mas a aparência de pobreza é a mesma. Sentados no meio-fio ao longo da principal rua do mercado, vamos encontrando os vendedores de frutas, quase sempre maltrapilhos, sujos e cheirando a miséria. Trazem a mercadoria em balaies. Às vezes, se fazem acompanhar dos filhos, que servem para piorar o quadro já por si doloroso.

Por outro lado, o mercado possui os seus aspectos pitorescos. Sistemáticamente, nas manhãs de domingo, aparecem vendedores de caderninhos de versos impressos. Trazem sempre um banco tosco de madeira para apoiar a maleta

cheia dos tais caderninhos. Depois de instalados no centro do lugar de mais movimento, põem-se então a cantar os versos, fazendo a propaganda da sua mercadoria. Em certas ocasiões, acompanham-se ao violão; mas, na maioria das vezes, os versos são cantados mesmo ao natural.

Anotamos aqui algumas estrofes, que nos pareceram mais interessantes:

"CASTIGO DO INFERNO"
de Severino Simião

"A mulher falsa ao marido
No inferno come puro
O diabo amarra ela
Dentro dum porão escuro
Para ela assim pagar
O passado e o futuro.

*

E no porão ela fica
Soltando grande gemido
O cão dizendo aguenta ("cão" sig -
Esse espeto comprido nifica Sa-
Para você nunca mais tanás)
Botar chifre no marido.

*

Mulher que usa vestido
Muito curto e apertado
No inferno ela aguenta
Espeto de todo lado
E o cão côcho gritando
Remexe bem o xaxado.

*

Moça que usa casaco
Desses tomara que caia
O satanaz pega ela
Com um rabo de arraia
Dá-lhe uma surra tão grande
Que se rasga até a saia.

*

Também a velha fogosa
O cão nela dá sopapo
Obriga a ela comer
Quarenta gias e sapo(gia= rã)
Fura-lhe os dois olhos
Com um grande sacatrapo.

*

E a moça dançadeira
No inferno dá pinote
O diabo obriga ela
Dançar marcha, samba e xote
Com quinze quilos de ferro
Pendurado no cangote.

*

A moça muito safada
Que namora homem casado
No inferno ela toma
Um purgante reforçado
De sabão com creolina
Enxofre e vidro ralado.

*

E a viúva bandida
Que não respeita o finado
Essa dentro do inferno
Dá cada berro aloprado
Dentro dum poço de fogo
Com cada braço amarrado.

*

Mulher que usa vestido
Botando seio de fora
Quando chegar no inferno
O diabo diz é agora
Que você vai aguentar
Espeto e bico de espora.

*

Moça que gosta de farra
E é cheia de munganga
No inferno ela bota
O pescôço numa canga
Pra puxar uma carroça
Com dez milheiros de manga.

Quem fala da vida alheia
Cai também na esparrela
O cão chamado traz cá
Pega ele e bota a cela
Fura o cabra de espora
Dos pés até a goela.

*

O bêbado relaxado
O cão dele não tem dó
Amarra o cabra num tronco
Sujigado no gogó
Faz ele mamar o pulso
Na negra d'um peito só.

*

E o cabra piza flôres
Que faz papel de mulher
E sai todo se torcendo
Parecendo com Ester
No inferno ele emburaca
No espeto de Queler.

*

Caros leitores amigos
Eu faço pontuação
Já falei sobre o inferno
A triste situação
Agora falta falar
Na imunda corrupção.

*

Pois hoje a mulher se traja
Com metro e meio de pano
Mostra seio e espinhaço
E nesse escândalo tirano
O malandro olha e diz:
Isto é de lascar o cano.

*

Tem moça que engana os pais
Para poder disfarçar
Inventa logo um passeio
Diz eu vou me confessar
Adiante pega o malandro
Com ele vai chumbregar.

Aí emboca no samba
Ele e ela agarradinhos
Ela diz logo pra ele
Me acoche meu benzinho
Que a dança só é boa
Os dois bem coladinhos.

*

Assim o malandro bota
As pernas junto das dela
E faz logo um sacolego
Que endurece a canela
Socado um dentro do outro
Que nem pavio de vela.

*

Mulher que usa saia
Estreita como um pavio
E sai toda se torcendo
Parecendo um porrópio
Só p'ra negrada ver
O reacho do navio.

*

Tem outras que usam saia
Estreita e lascada atraz
Andando toda espremida
Parecendo o satanaz
Deixando a tropa ficar
Sentindo um gosto de gaz.

*

Agora caros leitores
A todos peço perdão
Da polícia a garantia
Do governo a proteção
Que eu com a vida alheia
Vou arranjando o meu pão."

*

O "cantador", geralmente, fica logo rodeado de curiosos. Quando os versos são humorísticos, ouve-se risadas ao final de cada estrofe. Caso a "cantiga" agrade, os caderninhos são prontamente vendidos.

No Piauí (de modo especial na cidade de Parnaíba), o custo de vida é bem mais baixo em relação aos demais estados do norte e do nordeste brasileiro. Isto se verifica tanto na aquisição dos gêneros de primeira necessidade, como nos alugueis de casa e no pagamento da mão de obra em geral. Os artigos mais caros (remédios, perfumarias, tecidos, etc) vêm, justamente, do sul do País, acompanhados já do germen da carestia. O padrão de vida no Estado é precário dado aos níveis de salário, que são baixos, e do desemprego frequente. Quem vem do Sul, com vencimentos atualizados ao custo de vida de lá (Rio e São Paulo), vive bem no Piauí, vive com relativa facilidade.

No mercado, principalmente durante os meses de chuva, são encontrados os seguintes gêneros: arroz (em grande produção nas fabulosas terras do delta do rio Parnaíba), feijão (que brota com incrível facilidade nas terras arenosas de Parnaíba, por ocasião das "invernadas"), milho, batata inglesa, batata doce, mandioca, couve, quiabo, maxixe, alface, tomate, pimentão, girimum (abóbora), macachera (aipim), cana de açúcar, beringela, etc.

Frutas: banana, manga, cajú (em grande quantidade), murici (côco), maracujá, sapoti, goiaba, buriti (fruto de certa palmeira), romam, piqui, umbú, seriguela, mamão, ata (pinha), araticum (graviola), côco da praia (côco da Bahia), melancia, melão (muito gostosos), jaca, manga-ba, limão, etc. A laranja não é muito comum. As frutas de grande safra constituem o "mata-fome" do pobre.

Há certos legumes e verduras, que não são encontrados, pelo menos no norte do estado, como por exemplo: o chuchú (dizem que brota, que cresce bem, mas não dá frutos), a cenoura, o repolho, a couve-flor, chicória, bertalha, jiló, espinafre, ervilha, nabo e alguns outros mais. A alimentação básica do

povo parnaibano é firmada no feijão, na "farinha d'água" (mandioca) e no caranguejo, muito encontrado nas margens dos igarapés, formados pelo rio Parnaíba. Pela manhã, toma-se café com rapadura. Muitos começam o dia substituindo o café pela cachaça.

Uma outra observação interessante é quanto à unidade de medida para a venda dos gêneros. Em São Paulo, como no Rio de Janeiro, é clássica a venda a kilo para os gêneros, e os frutos serem vendidos a dúzia. Niterói faz exceção, pois vende banana a kilo.

Em Parnaíba, há certos gêneros, que são vendidos a kilo, como por exemplo: o arroz, o açúcar, a batata; mas existem outros, que são adquiridos a litros: o milho, o feijão, a farinha. Quando se pergunta por que essa diversidade de unidade de medida, ninguém sabe explicar.

Existe uma unidade conhecida por "paneiro". É uma espécie de jacá, feito de palha de babaçu, onde é acondicionado o milho e a farinha. Cada "paneiro" equivale a cinquenta litros.

A "saca", como acontece no Sul, corresponde a sessenta kilos.

Outra medida muito difundida entre o povo é a "lata" (São "latas" aquelas distribuídas na venda de querosene; correspondem a quatro galões, ou aproximadamente dezoito litros). A "lata", depois do uso do querosene, é aproveitada como medida de capacidade para a venda de água (do rio Parnaíba), carvão, areia, pedra britada, etc.

Em Teresina, cidade um pouco mais evoluída, os mantimentos são vendidos como nos centros desenvolvidos do sul do País. Mais para o sul do Estado, entretanto, o atraso é maior e, por este motivo, as unidades de medida do Sistema Métrico Decimal penso que não chegaram até lá.

É muito comum o uso do "quarto" ou da "medida", que são medidas de dez litros. Existe ainda o "prato", o "meio prato", o "caneco" e o "meio-caneco". Cada "prato" equivale mais ou menos a dois litros e consta de um caixotinho de madeira. As demais unidades são do mesmo formato do "prato", porém de capacidade mais reduzida.

**

"PARNAHYBA COMO É"

O Piauí, até há bem pouco tempo, vivia praticamente isolado em relação aos estados vizinhos. Isto porque não havia estradas de rodagens e a aviação comercial começava ainda a desenvolver-se. Tinha-se acesso a Parnaíba pelos portos marítimos de Tutóia(Maranhão) e Luiz Correia, antiga Amarração(no Piauí). Ambos precários, sem instalações apropriadas para atracação de navios de porte mais elevado. O acesso a capital do Estado e às demais cidades do seu interior era feito pela navegação no rio Parnaíba.

A situação hoje em dia não é muito melhor do que a de anos atrás. De fato, já se abriram algumas estradas. Uma delas ligando o Piauí à capital do Ceará(estrada de rodagem) e uma outra entre Teresina e São Luiz, no Maranhão(estrada de ferro). Existem também campos de pouso, que, no momento, permitem somente a aterragem de aviões de pequeno porte. Mas, na verdade, sente-se que o Piauí continua ainda bastante distanciado dos grandes centros. A única indústria local, existente, é a relacio-

nada ao aproveitamento do côco babaçú. No mais, tudo vem do Sul, sujeito às dificuldades atuais de falta de transporte e da precariedade dos meios de acesso.

Parnaíba (segunda cidade do Estado), além das suas deficiências mais graves, quais sejam a falta de um fornecimento de água, regular e higiênico; a ausência de serviço de esgoto em melhores condições e a praga terrível dos insetos, principalmente a incomodativa "muriçoca" (mosquito pernillongo), possui ainda outros e numerosos problemas. Existe um fornecimento regular de energia elétrica, porém é precário e em vias de entrar em colapso total pelo desgaste definitivo das turbinas atuais, já cansadas em consequência do uso continuado. Em Parnaíba, sabe-se da existência de televisão por se ouvir falar. Os rádio-receptores também não aprovam muito. Irritados pelos ruídos, na procura de uma estação melhor por entre as ondas curtas, médias e longas, terminamos por desligar o aparelho.

Na cidade, existe apenas uma estação transmissora. A atividade desta se limita à transmissão de música de disco e a anúncios de casas comerciais. Não há teatros. Os cinemas são antigos e pouco confortáveis. As películas rodam aqui com a idade de fabricação de cerca de dez anos!

A imprensa local é inexpressiva. Existem três jornais regulares, de circulação semanal. Há mais dois ou três, que aparecem esporadicamente. Todos eles constam de uma só folha tipo "tabloide". A impressão é precaríssima; não existem linotipos. As máquinas são muito antigas e os tipos, para a formação do quadro de impressão, são colecionados manualmente. Os escritores, os poucos que existem, são bisonhos. Os jornais de São Paulo não aparecem aqui; os do Rio, poucos deles, surgem semanalmente com intermitências.

A existência de livros na Cidade era difícil. Somente agora, há coisa de uns poucos dias, é que inauguraram uma casa de comércio de discos e livros. Os in-fólios expostos à venda constam, na sua maioria, de livros de orientação católica, de alguns romances de capa-e-espada (tradução de originais norte-americanos) e uns poucos volumes das picarescas novelas de Pitigrilli, vendidas com certa reserva por se tratarem de leitura "meio imoral"...

A instrução é rasteira. Há três estabelecimentos de curso médio. Não há ensino superior. Não encontro o gosto pela leitura, apesar de existir uma pequena biblioteca pública. É visível a falta de ilustração, de atividade cultural, científica e artística. Aliás, já dizia Voltaire, que a manifestação de arte, de cultura, num povo, é um acontecimento superfluo, que aparece quando existe o necessário, o indispensável, para a manutenção da vida. Ora, num país de fome, atrasado socialmente, não podemos encontrar em grande número pessoas que se dediquem a atividades artísticas, ou a dilentantismos científicos.

O movimento da sociedade local nos dois clubes existentes, como já disse linhas atrás, é bom, é animado. A fortuna do lugar está nas mãos do comerciante, do latifundiário e do industrial; alguns são inescrupulosos quando lidam com assuntos, que se relacionam com lucros.

A classe média é pequena. Os pobres são numerosos. Os párias arrastam-se pela Cidade pedinchando aparas. O desemprego é enorme e, por isto mesmo, são numerosas as levadas migratórias, que já vão povoando Brasília e aliviando o Rio-de-Janeiro e São Paulo. Os caminhões ("pau-de-arara") continuam em atividade e saem sempre lotados.

A necessidade fez em Parnaíba o ladrão de galinha. Esta atividade já constitui

uma profissão, que vem aumentando em razão da ausência de policiamento noturno. As pessoas de mais recursos, na medida do possível, vão tomando iniciativas visando diminuir a ação desses inimigos do alheio. Assim, por exemplo, algumas famílias alugam os serviços de vigias para tomarem conta do quarteirão onde residem. Além disto, é frequente a casa que dispõe no quintal de um cachorro de proporções intimidantes. Por outro lado, os muros levantados em torno das residências são, geralmente, altos. Para evitar ainda que sejam escalados, fazem uso de cacos de garrafa, cimentados de ponta para cima na sua parte superior.

Houve um cidadão que me falou haver engendrado um dispositivo, a base de eletricidade, em torno de sua casa para fulminar o primeiro ladrão que aparecesse. O dispositivo, entretanto, não produziu o efeito que se esperava, pois, numa certa manhã, em consequência do esquecimento no desligar da corrente, a filha do dono da casa foi quem tomou o choque, de intensidade avantajada! A ideia do circuito elétrico foi então desprezada...

A diocese católica é considerável. O clero, aliado dos magnatas locais, faz comércio com a palavra de Deus. Os padres, além disto, não param de solicitar esmolas em nome das igrejas. Prejudicam assim o imenso cabedal de mendigos, que desfila diariamente pelas ruas da Cidade.

Os festejos públicos(carnaval), pelo menos neste ano(1960), foram fracos. Houve bailes nos clubes e algum movimento na praça central. Porém, o mais interessante de tudo é a reminiscência da prática do "entrudo", muito comum nos carnavais do Rio de Janeiro, no princípio deste século. Consistia o "entrudo" na prática de lançar-se nos foliões saquinhos cheios de farinha, ou "limões", feitos de cera

cheios de água, ou de qualquer outro líquido. Depois, inventaram-se bisnagas e recipientes esféricos, que, comprimidos, deixavam escapar um líquido sob a forma de jato. Às vezes, exagerava-se atirando-se frutas e ovos podres. Até mesmo urina chegava a ser esguichada pelas bisnagas.

O entrudo foi aos poucos desaparecendo. Hoje, ainda encontramos um remanescente no confete, na serpentina e no lança-perfume. Em Parnaíba, vi serem lançados embrulhinhos e pedaços de estopa, cheios de um pó branco (que me pareceu tratar-se de cal), nos foliões dos poucos blocos, que circundavam a praça principal do centro da Cidade.

Na manhã de quarta-feira de cinzas, o aspecto de Parnaíba era de sonolência, tal qual acontece diariamente entre onze e treze horas da tarde, quando o comércio fecha para o almoço e respectiva sesta rotineira.

Por falar de Parnaíba, não posso deixar de transcrever nestas páginas uma carta muito curiosa, publicada no livro "SERTÃO ALÉGRE", de Leonardo Motta.

"PARNAHYBA COMO É"

"Foi tentar a vida, em Parnahyba, no Piauí, um rapazinho semi-analfabeto e que jamais houvera visto uma villa ou cidade. Dias depois, escrevia elle á sua genitora uma carta de que copio, em seguida, varios topicos, respeitando-lhe a integra, mas corrigindo um tanto a respectiva orthographia para mais facil entendimento do leitor:"

"Mamãe, Parnahyba é uma cidade monarca de grande. Dementhazinha se alvoroça tanta gente na beira do rio que parece formiga arredô de lagartixa morta e quasi tudo é trabalhado caçando ganho. O Mercado é outro despotismo: se arreune mais povo do que na desobriga, quando Padre diz missa na Capella dos Morros,

da dona Chiquinha. Tudo se vende; de tudo se faz dinheiro: Fiquei besta de espiar gente comprando maxixe, quiabo, limão azedo, folha de João-gome e até taiada de girmum. O passadio daqui é bom. Todo dia eu como pão da cidade com manteiga do Reino.

Mamãe, as coisa aqui são muito diferentes e adeversa dahi. As casa são apregada umas nas outras que nem casa de maribondo de parede e é quasi tudo de telha e atijollada e tem umas dellas calçada e forrada de tauba por riba que nem gaiola de xexéu e que chama so brado. Gente rica aqui é em desmasia. Inda honte numa loja eu vi uma ruma de dinheiro de cobre no chão que parecia juá, quando se ajunta mode dar pra bode em chiqueiro.

Mamãe, a Igreja faz até sobróço, de grande e alta. Cabe dentro della todos os moradores de Barra das Lage, do Bom Principio, da Fazenda Nova e ainda se adquire logar pra mais de cem vivente. O povo daqui tem um sestro muito engraçado: não diz 'ô de casa', não! quando chegam nas casa alêia, batem palma, como quem estuma cachorro mode acuar tatú em buraco.

Mamãe, a luz daqui é feita num tal de gazome; não precisa pavio nem trucidada de algodão mode accender: é só distrocera uma torneira como quem tira cachaça de ancôreta e riscar um fosco que a luz accende biatamemente e tão culára que faz é gosto! Si o christão não accender mais que depressa, espáia um cheiro de cebôla pôdre damnado, dizque pru via dum tal de caborêto.

Mamãe, aqui tem um jogo chamado biá que não há diabo que entenda, mas porém só joga nelle gente de famia: é arredô duma mesa grande, forrada c'um panno, como bahu de pregaria, e os jogador segurando umas vara mode empurrar umas bola que é ver ovo de ema. Quando estão jogando, dá por visto dois mexedor de

farinha num forno de barro, ageitando os rôdo, mode não desmanchar os beiju.

Mamãe, aqui tem também um latejo invisive que é um tal de cinema. É só a musga tocar, apparece umas figura de gente, de animal e de rua, tudo perfeito, mesminho como si estivesse vivo e bolindo. O cinema é um pano esticado, parecido com vela de embarcação e é a coisa mais bonita e mais encantada que eu já vi.

Mamãe, cheguei honte da Tutoya. Fui nas barcas da Companhia Busse mode trabalhá num vapor inguilez, ganhando dois minreís por dia e quatro por noite. Na Tutoya a gente vê o mar até onde elle encosta nas parede do Céu. As barca saccode a gente, chega faz dor de istambo e vontade de gumitar que nem urubú novo, tudo isso pru via do desassocego do mar. O vapor inguilez é um paidégua de grande, maior do que a vasante de fumo do compadre Domingo Preto e mais alto que o pé de tamarina da porta lá de casa. Os porão de botar carga são tão fundo que escurece a vista do christão que espia. O pessoal que mora no vapor são tudo branco rozalga, oio azul e cabello vermêio. A fala delles so p'r'o diabo, não há quem entenda: é uma embruiada como de priquito em roça de milho novo. São damnado por papagaio e por cachaça: dão até roupa de gazimira novinha por um papagaio ou por uma garrafa de geribita. Quando os inguilez falam uns c'os outro, é uma trapaiada direitinha a de tia Damiana, adis pois que teve a molestia do ar. Outra coisa engraçada que eu acho é os inguilez do vapor tudo se chamar piloto: mode coisa que os Padres da terra delles não batizam ninguem com outro nome.

Mamãe, p'r'eu lhe contar tudo dereitamente não há papel que chegue. Vou acabar porque já me dói as boneca dos dedo de eu tanto escrever."

AS RIQUEZAS DO ESTADO

O gado vacum e o algodão já constituíram os produtos principais da economia do Estado. Como disse em linhas atrás, praticamente a partir do início deste século foi que se "descobriu" a cera de carnaúba. Tanto ela como o côco babaçu (este em menor escala) são os produtos principais da terra, em franca atividade de exportação.

A carnaubeira, também conhecida simplesmente por "carnaúba", tem o formato de uma palmeira. É nativa e se encontra ao longo de todo o estado do Piauí. É encontrada também nos estados do Maranhão e do Ceará.

Mas perguntaria logo o leitor:

-Afim, quais são as utilidades da carnaúba?

São diversas. Muitas das quais é possível que você, leitor, até desconheça. As folhas das carnaúbas produzem um pó; este então, cozido com água, dá formação à cera, que é vendida, que é exportada, em pedaços solidificados. É desta cera solidificada que a indústria produz a cera de assoalho, graxas di-

versas, vernizes, isolantes para circuitos elétricos, discos de vitrola, papel carbono, fita de máquina de escrever, etc, e até material de aplicação bélica. As folhas, depois de secas e já sem o seu pó, constituem ainda um alto fertilizante. Dizem que os japoneses conseguiram fazer papel com elas. Além disso, consta que a raiz da carnaubeira (atingindo às vezes profundidades de quase cem metros) produz substâncias de emprego medicinal. O caule da árvore tem ainda aplicação local na construção das habitações dos caboclos da terra. Serve de caibros e ripas.

A carnaúba é de crescimento lento; as árvores levam, em média, de trinta a quarenta anos para atingirem o pleno desenvolvimento, dependendo da natureza do solo. Sua raiz, dada a ausência de chuvas na região, atinge o comprimento de dezenas de metros (talvez até uma centena, como dissemos acima) na procura de umidade. Explica-se, assim, o fato dos carnaúbas resistirem aos prolongados períodos de estiagem. O seu caule é comprido, também, como nas palmeiras e nos coqueiros de praia. Mais ou menos ao longo da sua metade inferior, notam-se umas saliências na casca, umas protuberâncias (escamas). Daí para cima, o caule é liso. As folhas têm o formato aproximado de um leque e se dispõem, por meio dos seus pecíolos, em toda a volta da extremidade superior do caule, produzindo assim o contorno de uma verdadeira esfera verde. A árvore produz frutos, que, depois de maduros, caem ao chão. As sementes começam então a germinar iniciando o processo de reprodução da espécie.

Os piores males têm as suas compensações. Não existe o mal absoluto, como também não existe o bem absoluto. Tudo é relativo. Ora, as conhecidas secas do nordeste brasileiro têm as suas compensações. A substância que produz o pó, que depois de transformado em ce-

De Ceará (Piauí)

ra vai constituir a principal riqueza do Estado, é uma consequência das secas. Esta substância é formada nas folhas da carnaubeira, justamente durante os meses de estiagem, quando então o calor da luz do sol se faz sentir com mais intensidade. Dizem os botânicos que a substância do pó da cera é uma proteção da árvore contra a desidratação exagerada. O fato é que este pó de cera, pela sua utilidade e pelo bom preço que encontra nos mercados de exportação, já chega a ser comparado a ouro em pó. E, por ironia da natureza, é um produto deste flagelo, que assola grande parte do território nacional - as secas.

A fase da obtenção do pó começa com o corte das folhas, que é feito, geralmente, no mês de outubro, já perto do final do "verão". Usam-se umas varas compridas, com uma lâmina em forma de gancho na sua extremidade superior, para cortar as folhas. Estas, depois de amontoadas no local do corte, são transportadas para determinadas áreas de terreno onde vão sofrer a operação de secagem pelo sol. Uma vez secas, então, o pó está pronto para ser extraído. Já existe, atualmente, na indústria da cera de carnaúba, um secador artificial para as folhas, economizando o tempo de secagem e evitando a perda natural do pó em consequência do transporte, ação dos ventos, etc.

Uma vez as folhas estando secas, é necessário então batê-las para retirar-se o seu pó. A indústria possui uns batedores automáticos; mas parece que estes aparelhos não fazem ainda o serviço com um bom rendimento, razão pela qual ainda se vem dando preferência ao método manual, feito pelo caboclo da terra. Neste processo, as folhas são levadas a um recipiente fechado (uma sala, um galpão, etc) para serem aí dependuradas e batidas com um pedaço de madeira qualquer. O pó vai assim, pela ação da gravidade, se acumulando no chão. Em segui-

da, passa-se à fase seguinte em que o pó é colocado a ferver juntamente com certa quantidade de água. Este pó, depois de cozido e esfriado, transforma-se em blocos de cera e é nesta forma, então, que se faz a venda interna e a exportação do produto.

A cera de carnaúba varia de qualidade conforme a sua obtenção e a sua preparação. A qualidade é testada pela sua pureza e pela cor. As folhas mais antigas produzem uma cera de cor parda e as mais novas, chamadas "do olho" (aquelas que se encontram ainda fechadas), fornecem um pó mais claro, que vão produzir a chamada "cera amarela", de melhor cotação no mercado. A maneira de preparação tem também a sua influência, conforme a maior ou menor quantidade de água, etc.

Outra boa produção do Estado é a do côco babaçú, hoje já industrializado em Parnaíba. Do côco babaçú, entretanto, só se vem aproveitando, no momento, apenas dez por cento do fruto e que constitui, justamente, as suas sementes (amêndoas). As amêndoas, trituradas, produzem um óleo e deste então é que conseguimos produzir vários produtos de inestimável valor na vida diária, como por exemplo: a gordura culinária, a glicerina, sabões e sabonetes. O restante do côco, ainda não aproveitado industrialmente, pode produzir carvão ou coque, gases combustíveis, fenois, alcatrões e produtos acéticos. A grande produção de babaçú é a que se obtém no estado vizinho - o Maranhão.

Mas voltando à carnaúba, a industrialização da cera dela produzida é coisa relativamente recente. Tanto no mercado interno, como no externo, a cera vem cada vez mais atingindo preços melhores, principalmente por ocasião da última guerra mundial, quando passou a ter aplicação em produtos de utilidade bélica. As terras do Piauí, ricas em carnaubais, por isso mesmo, tiveram uma grande valorização, in-

dependentemente da depreciação da nossa moeda.

Como sempre e ainda acontece aqui no Piauí, aqueles que trabalham, arduamente, na retirada das folhas e na produção da cera, não são os que tiram vantagens das excelências do alto valor do produto. Quem enriquece é o latifundiário, é o proprietário dos extensos carnaubais. É ainda o intermediário, inescrupuloso e de vida fácil das cidades, que dispõe de dinheiro para a compra de largas porções de cera, justamente durante a safra, isto é, nos meses de produção, e que possui também locais de armazenagem onde o produto pode ficar estocado, esperando novas altas de preço, câmbios favoráveis, etc. O explorado, o prejudicado, é o caboclo, que vai para o mato, onde permanece dias e dias sofrendo privações e desconfortos, no corte das folhas de carnaúba. O trabalho de cortar as folhas é penoso; é feito por meio de varas compridas, que dispõem de uma lâmina curva na ponta, em forma de gancho como já disse. O manejo das varas é cansativo e existe ainda o perigo de pequenos acidentes, por ocasião da queda das folhas. O pior trabalho, entretanto, é a batida dessas folhas, já secas, para a obtenção do pó. Elas são batidas em lugares fechados para evitar que o pó se disperse por influência do vento. A atmosfera de trabalho, nesses lugares, é horrível! As partículas do pó de cera penetram pelas vias respiratórias do caboclo e vão até ao seu pulmão saturando-lhe os alvéolos, prejudicando-lhe a saúde. Hoje em dia, com os constantes movimentos dos caboclos para o sul do País (Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília), a mão de obra não é mais tão fácil quanto em tempos atrás.

O proprietário do carnaubal, muito inteligentemente, procura atrair o homem para as suas terras. Dá-lhes palhoças para morarem, fundam colônias e permite-lhes que cultivem a terra em benefício próprio. Assim fazendo, consegue manter o homem no local de extração e produção da cera. A mão de obra, como não podia deixar de ser, é então numerosa e miseravelmente barata. Como a safra de cera é justamente nos meses, que se caracterizam pela ausência de chuvas, o caboclo sujeita-se a trabalhar por remunerações ínfimas, pois as suas possibilidades de boas colheitas são prejudicadas pela estiagem prolongada. Nesse labor, trabalha, às vezes, toda a família, inclusive os filhos pequenos.

Pelo fim do ano, o proprietário não deixa de fazer uso da sua demagogiazinha entre estes homens, conhecidos entre os donos de carnaubal pela denominação genérica de "agregados". Quase sempre, a família do proprietário vem ao local das colônias; distribue presentinhos baratos, roupinhas de criança, quinquilharias, bugigangas, etc. Neste momento, então, o proprietário, com ares paternos e acompanhado às vezes de um padre, faz a sua preleção, estimulando os homens a serem submissos e trabalhadores. E não se esquecem também de ensinar o aumento da prole, fazendo-lhes ver que os filhos ajudam a melhorar o rendimento da família.

A exportação, tanto da cera de carnaúba como a do côco babaçu, é realizada através do porto de Tutóia, no Maranhão. Há informes de que certos navios americanos já começam a desviar as suas rotas para a guiana holandesa (porto de Paramaribo), aonde vão carregar-se de cera, levada para lá, clandestinamente, pela frota de pequenos barcos brasileiros, da linha do contrabando.

O POVO E O SEU LINGUAGEM

O povo no Piauí, como em todo o Brasil, é mestiço em sua grande maioria. Encontramos, na quase totalidade, o tipo conhecido na terra pela denominação de "caboclo", que é justamente o resultado do cruzamento do branco (português) com o índio em todas as suas variações de preponderância de sangue (mais ou menos deste ou daquele). Assim, pois, vemos em maior quantidade este tipo característico, de pele escura e de cabelos lisos. A influência do negro no Estado é pequena.

Até hoje, encontramos nomes de cidades e de rios, que guardam as suas origens na linguagem indígena, como o próprio nome do Estado - "Piauí", que significa "rio do peixe". "Parnaíba", segundo os entendidos, quer dizer "água grande que corre". E seu rio - o Igaraçu, que banha a cidade, significa "rio das canoas grandes". Segundo Teodoro Sampaio ("O Tupi na Geografia Nacional", 2ª ed. pags. 92 e 95), "Parnaíba" significa "grande rio impraticável", ou "inavegável".

A linguagem do povo guarda o sotaque

peculiar das populações nordestinas em geral, se bem que o piauiense tenha a sua intonação própria.

No vocabulário do povo, fortemente influenciado pela linguagem indígena, notamos às vezes certas palavras e expressões caracteristicamente portuguesas, que não sofreram modificações no seu sentido primitivo. É interessante como ficou integrado o emprego do advérbio "acolá" na linguagem popular - "Eu fui acolá"; "eu vim d'acolá", etc.

Certas expressões, que exprimem admiração, espanto, são também muito empregadas. Exemplo: "Ave Maria!"; "Virgem Maria!" Esta última expressão, sendo mal pronunciada, é escutada assim: "Vigi Maria!" Ou, simplesmente: "Vigi!"

Outro pormenor interessante é o que se verifica no emprego do advérbio "muito", "Muita", que nós, normalmente, empregamos em frases assim: "Muita chuva"; "muito movimento na rua", etc. Aqui no Piauí, o advérbio aparece depois do substantivo: "Chuva muita"; "movimento muito na rua", etc.

De influência indígena, nos parecem ser as seguintes palavras: "Curumim" (menino pequeno); "cunham" (mestiça, cabocla); "curica" (rapariguinha do povo, "fuleira").

Há palavras aqui, que perderam a significação primitiva, como por exemplo: "rapariga", termo com que são designadas as mulheres de vida má (prostitutas). Chama-se simplesmente "drama", a qualquer peça teatral, seja ela uma comédia, uma tragédia, ou mesmo um drama. Ter "precisão" (de alguma coisa), significa ter necessidade.

Outras palavras curiosas e muito empregadas são as que se seguem abaixo:

"Paneiro" (espécie de jacá); "cofo" (saco de palha da folha de carnaúba); "foguió" (homem louro, avermelhado); "manceiro" (jeitoso,

folgado); "acochado"(apertado, difícil); "carteira"(escrivaninha); "banca"(mesa); "serenar"(chover miúdo); "triscar"(tocar de leve); "cachingar"(mancar); "derribar"(derrubar); "beco"(rua); "aperreio"(aborrecimento); "vexado"(a - pressado); "mangar"(ironizar); "reimoso"(ofensivo); "boa safra"(abundante, boa-maré); "cabra"(sujeito qualquer sem muita consideração); "marreteiro"(homem desonesto, dado ao hábito de enganar os outros); "diamba"(maconha); "puxar diamba"(fumar maconha); "fofão"(fantazia de palhaço).

Quando o piauiense afirma que não fará uma coisa "de jeito nenhum"(expressão bastante peculiar), você poderá estar certo de que a negativa é cem por cento.

Outra expressão muito antiga e es - cutada até hoje entre as populações do inte - rior do Estado é o "p'ru mode de", que signi - fica "com a finalidade de", ou "por causa de".

Um termo bastante usado na gíria lo - cal é o "pai d'égua", que significa uma coisa grande, formidável. Chamar um sujeito qualquer de "pai d'égua" representa elogio.

Uma boa parte da população do Estado vive a mendigar; de modo que estão sempre a nos pedir esmolas. No sul do Brasil, quando não temos dinheiro trocado, ou então não dese - jamos dar esmola ao pobre, dizemos: "Que Deus lhe ajude!" Aqui no Piauí diz-se, simples - mente: "Perdão!"

Apesar do cruzeiro já se encontrar circulando há alguns anos no País, o povo ain - da não esqueceu o "mil réis". É muito comum escutarmos uma pessoa, no mercado, pedindo que lhe venda "mil réis" disto ou daquilo.

Para conservar hábitos antigos, não há ninguém como o nortista do Piauí. Por oca - sião da Semana Santa, na quinta-feira, é cos - tume entre as pessoas, principalmente daquelas

que se conhecem, se presentear com coisas de de comer. Isto é o que se chama oferecer o "je - jum". Oferece-se tudo, menos carne, como é na - tural. Neste dia, a mendicância aumenta sobre - modo à cata também do seu "jejum".

Na sexta-feira santa, organizam-se procissões. Não se permite maltratar os animais. Não se canta, não se costuma falar em voz alta. Os homens evitam fazer a barba. As pessoas, em geral, adiam até mesmo o próprio banho.

**

A CIDADE DE FLORIANO

Quem desejar se meter a fazer incursões pelo sul do Piauí, deve escolher, de preferência, os meses de maio e junho para viajar. Nestes dois meses, encontrará uma temperatura suportável. Fora desta época, a região é terrivelmente quente!

Em objeto de serviço, seguimos de avião para Floriano, cidade situada às margens do rio Parnaíba, no seu curso médio. Escolhemos o transporte aéreo por dois motivos: menos risco em relação ao transporte terrestre, nos ônibus, e com o objetivo também de chegar com disposição bastante para retribuir, na mesma simpatia, a recepção, que nos foi adrede preparada.

Como já ficou dito em linhas atrás, o Piauí é um vale todo interrompido por chapadas e chapadões. Viajando-se de avião, é que temos a oportunidade de constatar melhor a topografia do terreno. Alguns destes chapadões aparecem, às vezes, bem extensos e bem planos na sua superfície superior.

A alegria da chegada a Floriano foi

dupla: pela afabilidade da recepção (dada pelo prefeito, vice-prefeito da Cidade e outras autoridades) e pela satisfação íntima de havermos concluído bem mais uma viagem aérea nos nossos aviões.

O prefeito local é um dos negociantes mais abastados do lugar. É conhecido na Cidade pela alcunha de "Chico Condenado". Não fugindo à regra, constatamos mais uma vez, que quem domina a política no Brasil é quem dispõe, ou pode dispor, de maiores recursos econômicos, e não aquele que reúne maiores qualidades pessoais, preparo intelectual, etc. Durante o almoço, que nos foi oferecido, o Prefeito (governador da Cidade), conversando conosco e referindo-se ao filho, citava como motivo de orgulho próprio, o fato do rapaz haver falsificado a sua certidão de idade para poder casar-se... Achamos curiosa a ingenuidade com que nos foi contado este caso.

O nome "Floriano", dado à cidade, foi em homenagem ao "marechal de ferro", consolidador da nossa República. Floriano, segundo dizem, possui cerca de vinte e cinco mil habitantes. O aspecto dela é o mesmo de quase todas as cidades brasileiras, de colonização portuguesa. Notamos que as casas, de construção antiga em geral, foram construídas levando-se em conta o rigor da temperatura quente reinante. As fachadas são sempre retas, simples, com as janelas e portas abrindo-se diretamente para a calçada da rua. No seu interior, os cômodos apresentam-se numerosos e espaçosos e não possuem forro, no teto, para que o volume de ar circulante seja maior. O piso dos compartimentos são de cerâmica, de tijolos de barro, ou mesmo de cimento (materiais de calor específico baixo), e quase nunca de madeira. A maioria das casas é dotada de pátios e alpendres internos. Notamos nas construções mais antigas, de sessenta ou mais anos, que os cai-

bro e ripas foram feitos utilizando-se os troncos das carnaubeiras. Isso, naturalmente, se verificava ao tempo em que não se conhecia, ou não se dava o devido valor, à cera de carnaúba.

Floriano, como toda a cidade do interior brasileiro, possui a sua praça central, ajardinada, onde a população se reúne para o passeio de rotina, após o jantar. Dado o esmero com que se trata dessa praça, em relação ao estado de semi-abandono do resto, tem-se a impressão de que as atividades da prefeitura local se resumem, apenas, naquele ponto de concentração popular. O calçamento se limita a umas poucas ruas mais movimentadas. E o resto, como dizia Érico Veríssimo, é silêncio... O povo, na sua ingenuidade e no seu bairrismo natural, cognominou a Cidade de "Princesa do Sul"...

A colônia sírio-libanesa é relativamente grande. São eles os detentores do comércio maior. Chegamos a encontrar com certa facilidade, transitando pelas ruas, mocinhas com traços acentuados dos habitantes da Síria (morenas de nariz adunco, lábios estreitos, etc).

Em relação aos demais centros do Estado, Floriano é uma cidade movimentada, pois é ponto de passagem dos caminhões, que procedem da zona do arroz, do algodão e do babaçu, no estado do Maranhão, e que se dirigem para outros estados.

Uma outra observação interessante a fazer, é sobre o dinheiro em circulação. A falta de trocados deu motivo a que uma confeitaria local emitisse umas fichas, empregadas para facilitar o troco. O uso continuado destas fichas estendeu-se por toda a Cidade. Hoje, elas correm em Floriano como dinheiro circulante. Por outro lado, o dinheiro-papel existente é tão precário, tão emendado e sujo, que, quando

o manuseamos, pensamos logo na coleção de germes, que deve existir pelas suas dobras. Finalmente, nas vésperas de deixarmos a Cidade, à noite, fomos a um "bingo-dansante" no clube principal do lugar. Acharnos bastante originais os objetos escolhidos como prêmios. O primeiro deles, por exemplo, foi um prato cheio de pedaços de linguiça, ganho por uma senhorita da sociedade local. Das duas uma, ou o organizador da festa é um sujeito dado a excêntricidades, ou o povo de Floriano gosta muito de linguiça.

**

URUÇUI - O RIO PARNAÍBA E TERESINA

Na madrugada seguinte, tocamos num jipe, para a cidade de Uruçuí. Seguimos por uma estrada de rodagem do lado do Maranhão, que corre mais ou menos próxima ao leito do rio Parnaíba (o rio divide os dois estados). Estrada picarrada, boa, podemos dizer, estendendo-se até a cidade de Carolina.

Quem deixa o estado do Piauí e penetra no Maranhão, percebe logo a transição da zona da carnaúba para a do côco babaçu. Seguimos rodando por entre babaçuais nas subidas e descidas dos chapadões. Notamos que o terreno, aí, é mais rico em vegetação. A fauna também se deixa perceber: são pássaros de tamanhos e cores variadas, emas, seriemas, que vamos observando, continuamente, nos vários trechos da viagem. No interior do Maranhão, segundo nos dizem, o clima não chega aos rigores do que se verifica no sertão do Piauí. Contudo é zona quente também. As próprias casas, nos vários vilarejos pelos quais vamos passando, guardam ainda aquela disposição interna (descrita em linhas atrás) para atenuar

o calor.

Uruçuí, cidade piauiense, às margens também do rio Parnaíba, é pouco mais que um vilarejo. As suas casas são antigas nos mesmos moldes de todas, que fomos observando. Aliás, é raro encontrarmos, na zona, uma habitação qualquer de construção moderna. A impressão que se tem, ao viajar pelo interior do Piauí e do Maranhão, é de que as cidades pararam no ponto em que estavam. Observamos sempre que as correntes migratórias para o sul do País são constantes.

Na cidade de Uruçuí, não se encontra absolutamente nada que justifique as cotas em dinheiro pagas pelo povo à prefeitura local. As ruas vivem esburacadas, a praça pública abandonada e assim por diante. Aliás, notamos igualmente isto em quase todas as cidades por onde passamos. Os prefeitos apossam-se dos dinheiros públicos em benefício próprio. É o que dizem. É o mais interessante de tudo é que não há fiscalização, não se verifica uma tomada de conta, nada enfim. E tem mais ainda: como o Governo Federal, no momento presente, concorre com uma cota especial para os diversos municípios, a tendência, que se verifica, é a de se formarem novos municípios, regidos por novas prefeituras, com a finalidade de "abiscoitar" estas verbas federais.

O custo de vida em Uruçuí é mais elevado com excessão do preço da carne (por ser zona de gado). Entre todas as cidades do Piauí, chegamos à conclusão que Parnaíba é mesmo a de vida mais barata.

Não chegamos a completar um dia de estada em Uruçuí. Sinceramente, o local não mereceu mais do que isto. Antes de partirmos, fomos conhecer a confluência do rio Parnaíba com o seu tributário - o Balsas, este de águas bem mais claras e que corre lá pelo sul do estado do Maranhão, antes de juntar-se ao Parnaíba.

ba.

Regressamos a Floriano desta vez embarcados num "gaiola" (barco a motor) no rio Parnaíba. A viagem é a das mais agradáveis possíveis! Não há calor, não há poeira; estamos livres também dos balanços incomodativos a que estão sujeitas as embarcações no mar. Os mosquitos só aparecem quando estamos parados. A única coisa que poderia incomodar é o ruído do motor, mas também nem tudo são rosas... As refeições são preparadas a bordo e a rede, amarrada aos armadores, constitui a delícia das nossas horas de sono.

O Parnaíba é um rio interessante, bonito. As viagens ao longo de suas águas nunca são monótonas. O panorama das margens é sempre variado. O próprio rio, também, varia de situação: às vezes se estreita, tornando-se mais profundo; em outras ocasiões, ele se espalha mais, torna-se largo, mais raso, cheio de "coroas" (bancos de areia que se descobrem). Ainda no seu curso médio, aparecem algumas "corredeiras", que tornam difícil a subida dos barcos. Em outros lugares, são remansos meio perigosos, que dificultam o governo das embarcações. O mais interessante de tudo é mesmo o cenário natural das margens. As plantações, tanto de um lado como do outro, se estendem quase ao longo de todo o rio. Isto, naturalmente, se explica pelo fato de as terras das margens constituírem o local de maior fertilidade.

Ao descermos de volta para Floriano, vamos admirando, com mais incidência, as plantações de milho, de feijão, banana, fumo e arroz. Há pequenos povoados, que aparecem de vez em quando, modificando o cenário. No trecho da viagem Uruçuí-Floriano, o único povoado maior constitui a cidade chamada de "Nova Iorque", situada na margem esquerda, do lado do

Maranhão. A Nova Iorque brasileira não deixa de constituir motivo de chacota por parte de americanos do norte, que, em viagens pelo Parnaíba, a conhecem.

O movimento da navegação, neste trecho do rio, nos pareceu pequeno. Aliás, conforme já tive a oportunidade de dizer, anteriormente, o transporte rodoviário vem superando o fluvial por circunstâncias também já enumeradas. O que vimos, em bom número, foram as conhecidas balsas, que deslisam rio abaixo. As balsas são feitas de talos de uma palmeira conhecida pelo nome de "buriti". A balsa é uma embarcação precária; é uma jangada grande em última análise. Nas extremidades da balsa, há um remo por meio do qual se orienta a embarcação para o meio do rio, onde a correnteza é mais acentuada. Por cima da balsa, vemos sempre construído um abrigo, feito também dos mesmos talos e coberto com folhas secas da citada palmeira.

A balsa, como se vê, é uma embarcação rústica e largamente empregada no transporte de carga, aproveitando a correnteza natural do rio. Ela é muito encontrada no alto e no médio Parnaíba. Abaixo daí, ela não dá mais resultado em consequência do movimento menos acentuado das águas e da força contrária dos ventos reinantes. A balsa constitui um transporte barato, que não encarece o produto que transporta.

De Floriano, seguimos num ônibus para Teresina, capital do estado. A viagem não foi das piores. Durante o percurso, passamos também por inúmeras cidadezinhas do interior, de vida precária e de populações pobres. Neste trecho da viagem, cruzamos o rio Canindé, que tantos prejuízos causou aos vilarejos do sul do Estado, na enchente deste ano (1960). Nos meses de chuva, quando o rio está cheio, a tra-

vessia se faz por intermédio de um pontão. Porém, na época da estiagem, o ônibus atravessa o Canindé sem necessidade de qualquer outro auxílio. O nível das águas não chega a atingir o motor da viatura.

Depois de sete horas de viagem, com várias paradas, chegamos à cidade de Teresina, que em anos atrás tinha o nome de "Chapada do Corisco". Mais tarde então, foi que recebeu o nome atual, em homenagem à D. Teresa Christina, esposa do imperador D. Pedro II.

Ao sairmos do ônibus, os carregadores de malas já nos aguardavam junto a porta. Quase que me arrancaram a mala da mão, na ansia de obter serviço para ganharem alguns trocados.

Teresina é de fato a maior cidade do Piauí em extensão e em população (cerca de cem mil habitantes). É um centro também pobre, de vida meio precária como em todo o Estado. Não vimos nada de diferente, que nos chamasse a atenção, a não ser uma igreja de proporções avantajadas encimando a extremidade de uma das praças públicas. A mendicância, excluindo Parnaíba, nos pareceu mais acentuada do que nas demais cidades.

**

VIAGEM TERESINA-PARNAÍBA

Dias depois, saímos para mais outra viagem de ônibus, desta vez direto a Parnaíba. A estrada é ainda de piçarra, salvo nas proximidades das duas cidades onde já se vê um calçamento de alguns quilômetros.

Nas primeiras horas de viagem, seguimos admirando o cenário todo verde dos campos do Piauí. Lembrei-me ali que, dentro em breve, o fenômeno das secas transformaria tudo aquilo em cinzas, em desolação... No momento, entretanto, deixávamos que o ar fresco da manhã, carregado de cheiro de mato, invadissem o interior do ônibus pela janela.

Pouco mais tarde, chegamos às proximidades da cidade de Camp^o Maior. Ali, os vales são mais extensos, sem que qualquer chapadão os interrompa. Colorindo melhor a paisagem, vemos, constantemente, rebanhos bovinos e caprinos. E por todos os caminhos existentes, lá está a carnaúba imperecível, resistindo às secas e às cheias.

Os melhores lugarejos deste trecho são mesmo as pequenas cidades de Campo Maior,

Peri-Peri(fim da estrada de ferro que começa em Parnaíba) e Piracuruca. Em todas elas observamos que o ponto alto, a nota de destaque local, é justamente a sua igreja católica. Algumas são até ricas demais para o lugar.

Constantemente, nos vários trechos da viagem, avistamos vaqueiros piauienses (vestidos com os seus gibões) tanjendo bois, na imensidão daquelas plagas agrestes. Por momento, para nós que vivemos nos grandes centros, tivemos a impressão de como deveria ser melancólica a vida destes homens perdidos por estas pairagens. Acredito que seria difícil a nós acomodarmo-nos neste sistema de vida, longe dos atrativos modernos das cidades. Entretanto, o sertanejo adapta-se bem ao seu meio, ignorante que é do que se passa pelo grande mundo.

Dentro da ignorância nativa e do linguajar rústico, vamos conhecendo indivíduos até bastante inteligentes e, às vezes, de imaginação fértil, como pode ser observado, por exemplo, nos versos do poeta sertanejo, Cão Dentro, coligidos do livro "Sertão Alegre" de Leonardo Motta:

"Das provincias dêste Império
Como o Piauí não há
Que escora o Maranhão
E alimenta o Ceará
Dá seus produtos à Bahia
E dá também ao Pará...
O Governo bem podia
O Piauí ajudá!
Piauí é terra rica,
Terra do pobre morá,
Onde tem muita fruteira
P'ro pobre se alimentá:
Pendem p'r'os lados das pubas,
E brejo e buritizá,
Aonde tem o piqui,

Também a fruta puçá,
Fora os altos da chapada
De tucum e croatá...
Prende p'r'os lados da mata,
É côco com tabocá,
É como Campo Maior
Nas encostas do longá:
Sete légua em cada lado
É campo e carnaubá,
Onde tem muita riqueza
De vaccum e cavallá
E criação de miunça
Que o pobre pode criá,
Como bem cabeça-baixa
Que não pode olhar p'r'o ar..."

*

São ainda do mesmo autor estes outros versos originais, que abaixo se seguem:

"Sá Rita Medêro
Mandou me chamá
Na ponta da rua,
No Cucuriá,
Eu mandei dizer a ela
Que era impossível eu ir lá:
Meu cavalo estava magro,
Não podia viajar
E o rio estava cheio
Que eu não podia passar,
Ela pouco se embracou,
Tornou a mandar chamar,
Eu então arrespon-di
Prometendo não faltar...
Ela já estava cansada,
Enjoada de esperar
Com uma galinha cheia
Que era para nós ceiar,
Com café e tapioca,
Com brôa e com alua,
Com uma rede de varanda
Para nós dois se deitar..."

Quando foi tarde da noite
 Eu fui no Cucuriá,
 Encontrei ela enfezada
 Sem querer se alevantar,
 Mandou que eu arrodeasse
 Pela porta do quintá
 Eu tratei de agradar ela
 Mas ela poz-se a ralar,
 Chegou p'ra perto de mim,
 Como querendo me dar,
 Eu fastei ela com a mão:
 -Muié, te chega p'ra lá!"

*

Entre os sertanejos piauienses, encontramos alguns bem matreiros. Já dizia um filósofo europeu: "O meio de vida faz as consciências". No Piauí, como sempre aconteceu e ainda acontece, o homem é, constantemente, explorado, enganado, pelo próprio homem. O explorado, no caso, é o caipira, o sertanejo. Alguns, à força de serem tantas vezes ludibriados, acabam se tornando desconfiados, sabidos, safados, pela necessidade que têm de continuar a viver no meio em que o seu próprio semelhante lhe é adverso. Apesar de se tornarem espertos, em certas ocasiões levam a pior, como num caso, que ouvi falar, em que o herói teria sido um tal de "Bunda de Rapadura", poeta popular piauiense.

Conta-se que Bunda de Rapadura, viajando pelo sertão, pediu certa vez pousada numa casa de fazenda. Sendo o poeta já conhecido no lugar, o dono da casa permitiu que ele pernoitasse na sua vivenda, mas com a condição do poeta dormir no mesmo quarto do seu filho pequeno, por falta de maior espaço, ou por outro motivo qualquer.

Altas horas da noite, o poeta acordou com vontade de urinar. Como não pôde ou não quis sair do quarto, lembrou-se de urinar

foi ali mesmo no cômodo. Certo de que o cheiro da urina poderia denunciá-lo, no dia seguinte, lembrou-se, mui velhacamente, de aplicar um recurso: Levantou-se, pegou o filho do dono da casa, com muita cautela para o garoto não acordar, e o colocou na sua rede. Depois disso, então, foi que aliviou a sua bexiga, urinando na rede do garoto. Na manhã seguinte, as pessoas da casa, quando vissem a poça formada em baixo da rede, chegariam facilmente à conclusão de que o garoto urinara de noite.

Entretanto, qual não foi a surpresa de Bunda de Rapadura, ao preparar-se para dormir, depois de colocar o filho do dono da casa, de volta, no mesmo lugar?...

É que o garoto, naquele intervalo, havia obrado na rede do poeta...

**

OUTRA VEZ EM PARNAÍBA - A "FESTA DO BOI"

Chegamos de volta a Parnaíba justamente por ocasião dos festejos juninos. No dia seguinte, a propósito da data dedicada a São João, encontramos a seguinte quadrinha, do poeta cearense Rogaciano Leite, dentro do texto de um artigo de jornal:

"Meu São João, meu São Joãozinho,
Meu Santinho protetô,
Mandai pela voz do vento,
Nutiça do meu amô".

*

Dizem que as festas juninas, em tempos idos, eram mais bem festejadas. Hoje, as dificuldades econômicas obrigam o povo a inúmeras restrições; entre elas, tudo aquilo que é supérfluo, como é natural. Assim, os balões já vão desaparecendo do céu; a queima de fogos ficou limitada; e os comes-e-bebes à beira das fogueiras vão ficando na memória das vovós.

A partir de junho e estendendo-se mais ou menos até ao mês de agosto, costuma-se fazer uso no Piauí daquilo que se chama

"Brincar o Boi". Consiste a "brincadeira do boi" numa espécie de bloco carnavalesco, que sai pelas ruas a dançar e a cantar. A figura central do bloco é o "boi", fantasia armada em cima de um cidadão; geralmente bom dançador, ou tocado por umas doses eficazes de cachaça. Há ainda figuras secundárias, que dançam, pulam e cantam em torno do "boi". São elas: um "padre", um "doutor"; uma espécie de pagé de tribo, coberto de uma roupa cheia de folhagens (o "folhada") e o "burrinho", que consiste num vaqueiro simuladamente montado num burrinho de papelão. Em torno de todos estes elementos, fazendo coro, há uma série de indivíduos vestidos com roupas acetinadas, de cores berrantes; com chapéus vistosos, armados na cabeça e que constituem o conjunto dos "caboclos" (isto nos "bois" mais bem organizados).

Os movimentos são "policiados" por um ou mais "sargentos", fardados também com tecidos acetinados de cor branca. Os "sargentos" guardam atitudes respeitadas no meio da folgança geral.

Quem dirige a brincadeira é o "dono do boi", o orientador de tudo; e é justamente ele que participa do melhor boçado na partilha dos ganhos, em dinheiro arrecadado.

Aplicando ritmo à dança, existe uma série de chocalhos em batidas cadenciadas, seguidas pelo ronco periódico de uma cuíca, que imita o mugido de um boi verdadeiro. O conjunto, antes de se lançar às ruas da cidade, tem de conseguir a licença da polícia. Os cantos e danças referem-se sempre ao boi, que é, sem dúvida, um animal estimado e que participa, em primeiro plano, do folclore do Piauí.

Uma outra brincadeira muito difundida entre o povo é a "marujada", que consta também de uma espécie de bloco carnavalesco em que os participantes aparecem vestidos de marinheiro.

Dizem que, no interior do Maranhão, existem ainda algumas outras brincadeiras populares, tendo sempre como motivo um bicho qualquer, estimado pela sua utilidade. Entre elas, ouvimos falar da brincadeira do tatu. O tatu em toda esta região aparece em boa quantidade pelo mato. Constitue um prato muito apetecido por grande parte das pessoas.

A época de férias do povo em geral, em Parnaíba, é em julho. Neste mês, é que verificamos a transição entre o "inverno" e o "verão" local, isto é, entre o fim do período das chuvas e o início da temporada dos ventos constantes. O parnaibano tem predileção especial pelo mês de julho; é justamente nesta época em que as famílias mais abastadas se transferem com armas-e-bagagens para as suas casas na beira da praia de Amarração (porto de Luiz Corrêa, distante poucos quilômetros de Parnaíba).

Em julho ainda, acresce dizer, as chuvas são mais escassas e, quando acontece delas caírem, o povo as apelida de "chuvas do cajú", porque o pouco de água que cai, dizem eles, vai concorrer para melhorar a safra do cajú na região (mês de setembro). E o

cajú, pela quantidade que aparece, constitui, no mês de setembro e outubro, o alimento do pobre. A população come tanto a parte carnosa, como o próprio fruto, representado pela castanha. Esta última é torrada na brasa antes de ser ingerida.

Nestas nossas últimas andanças pelo interior do Estado, não posso deixar de anotar o fato de haver observado a grande difusão do nome "Raimundo", ou "Raimundo Nonato", dado aos homens em geral. Existe até uma cidade com o nome de "São Raimundo Nonato". Com as mulheres, o nome que mais aparece é mesmo o de "Maria", especialmente o de "Maria do Socorro".

**

TUTÓIA E O DELTA DO RIO PARNAÍBA

Tutóia, no Maranhão, é o porto de exportação da cera de carnaúba produzida no Piauí, conforme já tive a oportunidade de dizer em capítulo anterior. A sua baía faz parte também deste imenso delta por onde se escoam o rio Parnaíba.

Foi, provavelmente, em consequência do comércio de exportação, que se desenvolveu a pequena cidade de Tutóia. O lugar, em si, nada tem demais, que mereça registro, além do que ficou dito atrás, nesse nosso trabalho, com relação a outras cidades maranhenses. No canal, que dá acesso à cidade, existe apenas um trapiche para atracação de pequenas embarcações. Os navios cargueiros de maior porte ficam ao largo, na baía de Tutóia. A carga a exportar é conduzida no interior de alvaregas, que são rebocadas desde a cidade de Parnaíba, através do delta do rio do mesmo nome, até ao costado da embarcação. Aí então o carregamento é feito por intermédio dos paus-de-carga do próprio navio.

Todo o escoamento da cera de car -

naúba produzida no Estado é feito através do porto de Tutóia; escoamento este que se torna um pouco oneroso pelas despesas de estivagem (duas vezes) e pelo frete correspondente à viagem Parnaíba-Tutóia. Em face disto, o Governo Federal, através do seu Ministério da Viação e Obras Públicas, vem procedendo à construção do porto de Luiz Correa (Amarração), atualmente em fase lenta por falta de maiores verbas e por desvio de outras para aplicações indevidas (segundo informes obtidos). Atualmente, há grande número de pessoas que não acreditam na eficiência futura do porto de Luiz Correa, quer pelas dimensões exíguas do seu ancoradouro, quer pela variação constante do aspecto do seu fundo submarino, quer por motivos outros ainda, que me escapam no momento. Há quem diga que a escolha do porto de Luiz Correa, para as obras que se iniciaram, obedeceu a conveniências de ordem particular...

Examinando o litoral piauiense, verifica-se que o porto natural da "Timonha" (zona divisória entre o Ceará e Piauí) constitui o melhor ancoradouro para navios de grande porte, quer pela sua profundidade, quer pelas suas dimensões, quer ainda pela facilidade de acesso do canal de entrada. Estando ainda a "Timonha" localizada no centro da zona de produção da cera de carnaúba, era mais um motivo para que as obras de instalação portuária fossem feitas ali e não em Luiz Correa.

Mas voltando ao assunto de Tutóia, constitui um atrativo, para quem tem de viver pela região, a viagem através do delta do rio Parnaíba, que se poderá fazer em algumas horas entre a cidade do mesmo nome e aquele porto maranhense. O momento de iniciar a viagem fica sempre dependente do horário da maré de enchente (preamar) nos locais mais rasos do percurso.

Desatrancando-se do porto fluvial da

cidade de Parnaíba, percorremos um bom trecho do braço terminal, denominado rio "Igarassú", até atingirmos o rio Parnaíba, mais em cima. O "Igarassú" é estreito, bastante assoreado e pouco sinuoso. Todo o terreno ao longo de suas margens é crivado de carnaúbeiras, que oferecem de fato um espetáculo de certa beleza, principalmente para nós do sul do País, pouco afeitos a cenários deste gênero. De vez em quando, à proporção que o barco desliza, vamos observando as choupanas dos "agregados" (locatários dos terrenos). São elas, na sua maioria, construídas com material retirado das próprias carnaúbeiras. Mais acima, encontramos o rio Parnaíba, já engrossado por todos os seus afluentes e próximo do seu escoadouro final. Neste trecho, o rio é bastante largo, sereno, quase espelhado quando os ventos se abrandam mais. Pelas suas margens, vamos divisando os arrozais, as plantações de feijão, as bananeiras, que abastecem Parnaíba. O movimento de canoas é, relativamente, grande. Há deslocamentos constantes de gente das aldeias ribeirinhas até à barra das Canárias. O motivo principal, aí, é o comércio do peixe.

Depois de passarmos, com um pouco de dificuldade, pelo trecho mais raso do rio, tivemos acesso a um canal estreito conhecido pelo nome de "Guirindó". Passamos quase raspando as margens. De ambos os lados, vamos notando claros abertos nas matas. São derrubadas constantes que se fazem à cata de lenha, vendida por bom preço nas cidades. Nestes "claros", mais uma vez encontramos, visitando, os arrozais. Vamos assim, aos poucos, com o ruído constante do motor da lancha, penetrando num labirinto de canais, de pequenas ilhas e de igarapés. É este, justamente, o trecho mais bonito, mais curioso, de todo o percurso.

Um pouco adiante, os canais se vão tornando mais largos. As margens apresentam-se cobertas de vegetação ("mangue") caída sobre as águas. Mais para o interior das terras, o mato é bastante denso sem ser entre tanto tão compacto como a vegetação das terras marginais ao rio Amazonas. Vemos árvores bem altas, de tronco fino e não muito copadas. É este o paraíso das aves. As garças brancas, as marrecas, os guarás (vermelhos), os socós brancos e cinzentos são numerosos. Vemos ainda gaviões em vôos atentos às suas vítimas, e grande número de pássaros de tamanho e cores variadas.

As águas são piscosas. Durante a viagem, tivemos a satisfação de ver pular dentro do barco uma "pescada" de mais de dois kilos. Os jacarés são abundantes na região. Nas marés de vazante, podemos vê-los, com certa frequência, junto às margens, naquela imobilidade que lhes é peculiar. À noite, é comum divisá-los através da fosforescência dos seus olhos. Apesar da extensão deste labirinto, que é o delta do Parnaíba, o lugar é sempre habitado por pescadores. Avistamo-los de longe em longe metidos nas suas canoas, remando, tal qual faziam os seus ancestrais, os índios, dentro das "igaras".

Ao cabo de algumas horas, alcançamos a baía do Cajú. Neste ponto, o cenário modifica-se um pouco. Já divisamos ao longe o horizonte marítimo. As águas são mais buliçosas e vão aí perdendo a cor parda do rio e adquirindo o verde característico do mar litorâneo. Sentimos também ligeiras oscilações na embarcação, que nos anunciam a proximidade do mar.

A entrada da baía do Cajú constitui um dos espetáculos naturais de maior beleza do lugar. Isto pelo contraste de cores em que entra uma série de dunas, belíssimas, com as

suas areias branco-amareladas; o verde carregado das matas ribeirinhas e o azul claro, perene, constante, do céu desprovido de nuvens, nesta época do ano (agosto a dezembro). À proporção que passamos bem junto às dunas, vamos sentindo um desejo de saltarmos em terra, de pisar as suas areias, de sentir o seu cheiro carregado de maresia. Sentimos a nossa veia poética ser excitada pelo quadro que tivemos diante dos olhos. Infelizmente, ficamos presos ao horário da "maré" e tocamos para a frente.

Em seguida, atingimos a baía de São Bernardo, próxima à outra, da Melancieira, ou do Carrapato, que dá formação a uma outra barra aberta para o mar. Daí para diante, os caminhos se vão alargando mais e mais até ao ponto em que nos aparece a baía de Tutóia, final da nossa viagem.

Enquanto viajavamos, fui tomando conhecimento de alguns termos interessantes, peculiares ao povo piauiense, em conversa com os marinheiros da lancha. Assim por exemplo, aqui, quando alguém penetra num canal navegável, ou por uma estrada qualquer, e deseja saber se, por ali, existe mais algum caminho (em derivação para a esquerda ou para a direita), que o possa confundir, a pergunta de informação deverá ser a seguinte:

"Existe errada por este caminho?"

Para uma pessoa que pilota bem uma embarcação, ou que dirige com eficiência uma viatura, costuma-se dizer:

"Fulano dirige o carro bonzinho".
No lugar de "diretinho".

Outra expressão interessante, que ouvimos, foi esta:

"É peia andar com essa lancha no rio, assim com pouca água!"

Ser "peia" significa ser difícil, ser duro.

Um objeto é dito "importante", quando é admirado pela sua beleza, ou pela sua eficiência.

Finalmente, ainda aqui no Piauí, quando alguém deseja dizer que uma pessoa bebe muita cachaça, a frase mais vulgar é a seguinte:

"Raimundo mete uma cachaça doida!"

(Usei "Raimundo", no exemplo, por ser um nome muito difundido no Estado, como disse no capítulo anterior)

**

O LITORAL PIAUIENSE- A PESCA DE CURRAL

Ao longo da costa marítima do Piauí, existem algumas aldeias (pequenos povoados), que se formaram em consequência do desenvolvimento da pesca. E estão colocadas, justamente, próximas à desembocadura dos rios, por constituir zona bastante piscosa em determinadas épocas do ano. Os pescadores sabem que existem muitas espécies de peixes, que escolhem os rios e as lagoas com comunicação para o mar para fazerem as suas desovas. O "cumurupim", peixe muito apreciado no Piauí, é um exemplo.

Temos, assim, os seguintes povoados mais importantes: Amarração, Barra-Grande, Barrinha e Cajueiro. É desses lugares que parte a maior quantidade do peixe, que vai abastecer Parnaíba e outras cidades menores mais próximas. São lugares em que noventa por cento da população está ligada à pesca. Ao longo de suas praias, estendem-se os "currais" de peixe, que são construções de formato especial, feitas de ripas de madeira, ou simplesmente de talos finos de pequenas árvores,

amarrados uns bem próximos aos outros (mantidos todos espetados na areia do fundo) e que se destinam à aprisionar os peixes, quando eles penetram pelo seu interior.

Os peixes penetram pela abertura principal do "curral" e seguem depois para o seu interior à procura de saída. Acabam ficando todos retidos na parte do curral chamada "chiqueiro". Não se sabe explicar por quê os peixes não atinam com a saída.

Quando as águas baixam, por efeito da maré, os homens ("vaqueiros") dirigem-se com as canoas para o "chiqueiro" e ali, a pauladas, matam os peixes existentes. Os currais são armados de tal maneira, que as águas, mesmo nas marés de sizigia, não ultrapassam, não encobrem, a parte superior do curral. É este o método de pescaria mais usado ao longo da costa piauiense. As condições do mar, desfavoráveis na época do "verão" (quando cai a viração ininterrupta), dificultam outro qualquer processo de pesca.

Pelas proximidades do litoral, às margens do rio Ubatuba (rio divisório dos estados do Ceará e Piauí), fica a pequena cidade cearense conhecida pelo nome de Chaval. Trata-se de uma cidade antiga, de aspecto pobre. No centro do lugar, em torno da igreja local, ficam dispostas as melhores residências, embora de construção antiga, mas de paredes de tijolo e cobertura de telhas. O estilo das casas é sempre o mesmo, já descrito em linhas atrás com relação às cidades piauienses. A maior parte das casas residenciais são mesmo de cobertura de palha de carnaúba e de paredes de terra batida. É o aspecto de sempre da choupana brasileira de todo o lugar.

Quando entramos em Chaval, fomos logo tomando conhecimento deste mesmo cenário, que se vê, em quase todas as cidades brasileiras, principalmente as do interior: crianças

pobres e nuas brincando pelas ruas esburacadas e peirentas; porcos balançando a cauda e fucando entulhos; cachorros deitados na soleira das portas, etc. Na cidade, as viaturas(jipes) são poucas. O movimento de transporte de mercadorias é feito ainda no lombo de jumentos. O maior comércio da cidade é o do sal, da cera de carnaúba e o do gado, em menos quantidade. A agricultura, feita nos meses de "inverno", é diminuta e mal atende às necessidades locais. A política, como não podia deixar de acontecer, é controlada por gente que manobra com o comércio mais rendoso. Dizem que os contrabandistas têm influência na política das cidades de Camocim e Chaval, por serem lugares colocados dentro da zona, que oferece maior facilidade de desembarque das mercadorias de penetração clandestina.

O comércio a retalho é pequeno também. As mercearias vendem um pouco de tudo: fazendas, cachaça, fumo de rolo, querosene, bananas, farinha, facões, penicilina, cigarros, sapatinhos de lã para crianças e um cem número de outras mercadorias mais necessárias. Há uma indústria caseira, pobre, de chapéus de palha, feita por crianças e mocinhas da terra.

O que mais nos chamou a atenção, foi o fato de Chaval ser toda entremeada de pedras enormes, que se encontram por todo o lugar, já desgastadas na sua superfície pela ação do tempo(vento, etc). Isto, além de constituir um fato curioso, empresta uma beleza natural, diferente, ao lugar. Há um açude d'água doce, próximo à cidade, cercado por numerosas destas pedras. É um dos locais bem pitorescos da região. O açude constitui o refrigerio da população nos dias mais quentes.

Houve um naturalista suíço, Louis Agassiz, que aqui andou, no século passado, acompanhado da esposa, efetuando pesquisas pelo estado do Ceará. Segundo ele, haveria em épo-

cas remotas enormes geleiras no alto das serras cearenses(Ibiapaba ou Serra Grande). Se tais geleiras existiram realmente(período de glaciação) é de se supor, então, que rios volumosos haveriam de ter início aí. E se tais rios existiram, também, não fica longe a hipótese, que se pode deduzir, destas pedras de Chaval terem sido arrastadas para ali pela força das águas em movimento.

Voltamos ao nosso ponto inicial(Parnaíba) ao cair da tarde. A vegetação pelos campos arenosos, desta região piauiense, já vai escasseando com a ausência de chuvas. E com isso as pastagens vão diminuindo. Por todos os lados em que olhamos, o cenário é sempre acompanhado das carnaubeiras e do boi. Isto em todo o Piauí. Nas regiões em que os criadores não podem dispor do "ralão" do côco babacú(parte do côco ainda não aproveitada pela indústria), o gado é alimentado por umas plantas que eles chamam de "rama" e "faveira". Nas terras do delta do rio Parnaíba, planta-se a "canarana", que é um bom alimento e que sustenta grande parte do gado nos meses de estiagem.

A proporção que a noite nos vai envolvendo, sentimos com mais intensidade o cheiro característico do mato perfumado pelos alecrins.

**

AS "SETE CIDADES"

Um outro atrativo interessante do estado do Piauí é o que se costuma chamar aqui de As "Sete Cidades". Constam as "Sete Cidades" de um maciço de pedras situado no alto de um chapadão, pelas proximidades da cidade de Piracuruca. O interessante desta formação é o efeito erosivo, produzido pelos ventos através dos tempos.

A viagem de Parnaíba até lá não é longa. Até a cidade de Piracuruca, gasta-se de duas a três horas pela rodovia central de Teresina. Depois, é mais ou menos uma hora por uma estrada carroçável, não muito precária. Sendo esta última estrada bastante estreita, ao rodarmos por ela, nos sentimos em contacto com o mato agreste da região. De espaço em espaço, encontramos lá uma ou outra cabana com a sua roça ao lado e com os seus animais domésticos pelas proximidades.

A proporção que vamos subindo o chapadão, a estrada se vai tornando pedregosa. O lugar, nesta época de início de seca, vai dando a impressão de deserto. Aos poucos,

vamos penetrando nesse mundo diferente - de pedras. De um lado e de outro, vão aparecendo várias delas, em coluna, como se fossem edifícios velhos de uma cidade abandonada. Podemos constatar aí, pelas fendas e pelas arestas formadas, o efeito fortemente erosivo causado pelos ventos. Mais adiante, aparecem outras bem maiores, de declive mais suave, permitindo que se lhes faça a escalada. Sua superfície é toda em forma de escamas. A voz humana, articulada aí, ecoa bem forte.

Infelizmente, a exiguidade do tempo não permitiu que fizéssemos maiores observações. O nosso guia falou existirem outras pedras com escultura de objetos conhecidos. Fica aqui a sugestão para que o leitor, visitando o Piauí, não deixe de passar pelas "Sete Cidades".

Mais abaixo, próximo ao trecho pedregoso da estrada, vimos um olho d'água. O líquido aí, fresco e cristalino, esorre sem cessar.

Dentro em pouco, rodávamos outra vez por dentro do mato, na estrada carroçável, que nos levava de volta a Piracuruca. Notamos, desta feita, algumas capoeiras (antigas plantações de milho), próximas às habitações existentes por ali. O milho, conforme é sabido, esgota muito a terra onde é cultivado. Ao final da safra, depois de serem extraídas as espigas, o terreno é então abandonado durante um ou dois anos, soltando-se nele o gado, que se vai servir da pastagem, ainda aproveitável, e concorrer para o adubamento, para o revigoramento da terra.

Nesta região e nesta época do ano (agosto a dezembro), os ventos são escassos e principalmente nos baixões onde, praticamente, não se percebe nenhum movimento do ar. Há, entretanto, um fenômeno muito interessante e bastante conhecido pela gente do sertão: são as conhecidas rajadas inesperadas, de vento em re-

demoinho. Na quietude serena do mato, escutam-se, em algumas oportunidades, a aproximação de tais ventos em redemoinho, que surgem às vezes meio violentos, sacudindo as folhagens, quebrando galhos de árvores e levantando poeira. O caboclo piauiense se refere a este vento giratório, "que passa correndo", como sendo o "redemunho", corruptela de redemoinho. Diz a lenda popular que, se na passagem do vento, uma mulher abaixar a cabeça e a colocar entre as pernas, verá o "Cão". "Cão" aí tem o sentido de Satanás.

Depois da passagem do "redemunho", o local volta outra vez à mesma quietude anterior.

No Piauí, o hábito de pronunciar erradamente certas palavras está generalizado. Anotamos, assim, entre muitas que ouvimos falar, as seguintes: "sobresselência" no lugar de sobressalente; "busana" no lugar de gusano (verme que se cria na madeira das embarcações); "galça" por garça e assim por diante.

**

AS GRUTAS DE UBAJARA

A maior atração turística da região é o conjunto das conhecidas e famosas grutas da cidade de Ubajara, no estado do Ceará, no alto da serra Grande e não muito longe do limite com o Piauí. Ali, o fator tempo, aliado aos elementos pedra e água deu formação a maravilhas de escultura.

A viagem de jipe de Parnaíba a Ubajara é feita, normalmente, de cinco a seis horas, com interrupções pequenas para descanso. Durante o percurso, passamos pelas pequenas cidades de Buriti dos Lopes e Piracuruba (estrada Parnaíba-Teresina); Alta Alegre (já na estrada Parnaíba-Fortaleza) e Tianguá (no alto da serra do Ibiapaba ou serra Grande).

De Alta-Alegre em diante, seguimos rodando por uma estrada picarrada com a serra Grande pela nossa frente, "azulando no horizonte", conforme observou muito bem José de Alencar. A subida da serra é lenta; não há grandes declives. Sentimos, como é natural, a temperatura reinante refrescar um pouco. A pequena cidade de Tianguá constitui um entronca-

mento rodoviário. Dali para leste, segue a estrada para Fortaleza - via cidade de Sobral (a segunda do Estado). Para o norte, parte a estrada que nos conduz à cidade serrana de Viçosa e, finalmente, para o sul sai uma outra em direção a Ubajara, nosso destino.

Ubajara é um povoado pequeno, de casas antigas, que vive de um comércio fraco à base do produto da lavoura local. O lugar, entretanto, é visitado por muita gente, procedente na sua maior parte de Fortaleza, que aparece por ali lotando pensões, atraída pela notícia sobre as belezas naturais das grutas.

Logo depois de instalados, procuramos obter esclarecimentos sobre os fins a que tínhamos em vista. Soubemos, como seria natural, que devíamos solicitar o auxílio de um guia e ser também necessário levar um "petromax", ou uma outra qualquer lanterna de luz, pois o interior da gruta é desprovido de qualquer iluminação. Reina lá dentro a mais completa escuridão.

Segundo o pessoal do lugar, soube-mos logo que se faria necessário efetuar uma caminhada de mais de uma hora, descendo a serra até a entrada da gruta. Em seguida, chegaram-nos os comentários sobre as dificuldades da empreitada. Falaram-nos dos sacrifícios da subida, de volta; de mocinhas que haviam desmaiado ao meio do caminho e de certos homens, que sofreram distensões musculares em consequência do esforço despendido.

Hoje, depois de termos percorrido o caminho, confirmamos que é, de fato, bem cansativa a excursão à gruta, feita a pé. Entretanto, tudo é questão de treino. As pessoas que sobem a serra, diariamente, não sentem tanto o esforço como as outras, embora jovens ainda, mas que não estejam fisicamente preparadas. Aconselho a quem desejar conhecer a

gruta, partindo da pequena cidade de Ubajara, que o faça no lombo de um animal de montaria até a entrada que dá acesso a essas galerias subterrâneas. Esta sugestão é feita, naturalmente, às pessoas de hábitos sedentários de vida.

Partimos no dia seguinte, às primeiras horas da manhã, de jipe, até ao início do caminho de descida, que serpenteia a serra. Do limiar da caminhada, pudemos fazer idéia da extensão do quanto teríamos de andar. A estrada, por onde nos metemos para descer, possui uma largura pouco maior daquela de um automóvel. Ela é calçada de pedras até mais ou menos à metade de sua extensão. Calçamento este que nos pareceu datar de alguns anos atrás. Apesar de se dizer que "para baixo, todos os santos ajudam", continuamente sentíamos nosso músculos das pernas doerem, o que nos obrigava a descansos periódicos. Pelo cansaço com que chegamos em baixo, à casa do guia, fizemos logo a estimativa do que haveria de ser a subida... Enquanto descansamos, pedimos logo que nos arranjassem dois jumentos para o caminho de regresso.

O guia morava mesmo bem próximo à gruta. Esta condução constante de turistas é a sua profissão.

Finalmente, depois de alguns minutos de descanso, tocamos para o local da entrada das grutas de Ubajara. À proporção que caminhávamos, fomos recebendo instruções sobre as suas principais particularidades. Disse-nos o guia que já andara pelo interior da gruta cerca de trinta e cinco quilômetros e que não chegara ao seu final. Segundo uns cientistas, que estiveram no seu interior efetuando pesquisas, a gruta teria uma espécie de respiradouro situado nas "Sete Cidades", em Piracuruca, no Piauí. Se realmente isso acontecer, podemos fazer uma

idéia da extensão desse vazio subterrâneo.

O guia, habituado a lidar com visitantes, foi-nos citando particularidades de alguns. Têm aparecido numerosos casos de pessoas, que ficaram impossibilitadas de continuar a visita em consequência do cansaço na descida. Outras desceram muito bem, mas não puderam entrar na gruta pelo estado de excitabilidade nervosa com que ficaram possuídas. Compreendemos logo que se tratava de claustrofobia.

O orifício de acesso à gruta é, relativamente, pequeno. Logo à entrada, vimos algumas estalactites (formações rochosas produzidas pela água que se escoia continuamente) descendo da abóbada da gruta. Antes de caminharmos para o seu interior, rompendo trevas absolutas, acendemos o nosso "petromax". Numa outra saída da gruta, próxima à abertura principal, foi-nos mostrada a "pedra do sino", que é uma simples pedra, igual a todas as outras, mas que responde com um ruído de sino, quando é percutida por um martelo, ou por outro objeto sólido qualquer. Em seguida, com o caminho iluminado pelo "petromax", fomos seguindo pelo interior da montanha, através das várias passagens da gruta. Mostraram-nos a chamada "pedra brilhante", que é uma formação calcarea, formada às expensas de um pingo d'água contínuo, perene, que cai. Em alguns pontos da "pedra", vemos deposições cristalizadas, que brilham ao longe refletindo a luz da lanterna. Mais adiante, vimos um compartimento grande, que eles chamam de "sala da rosa", pelas características em forma de rosa com que aparece uma certa estalactite. Bem em baixo dessa "rosa", existe a estalagmite correspondente, de proporções avantajadas, dando a idéia de séculos à idade da sua formação. Depois, caminhando por entre passagens ou fendas, abertas

na rocha, chegamos à "sala da cortina", que nos deixou estupefatos diante das esculturas em filigrana, produzidas por várias e estreitas estalactites, que correm pelas paredes da gruta, dando-nos a impressão, no seu conjunto, de uma enorme cortina. Em seguida, chegamos a um outro compartimento, que é conhecido pelo nome de "sala dos índios". Em cima da "sala dos índios", fica a chamada "câmara dos índios", espécie de quarto pequeno. Não muito longe dali, aparece a "sala da princesa", chamada assim pelo contorno mais ou menos nítido do desenho de uma cabeça humana (feminina), que existe no teto da gruta. E assim vamos apreciando outras e muitas formas esculturais, nítidas ou não, que a natureza vai esboçando no seu capricho de milênios.

Mais adiante, já em caminho para a lagoa subterrânea, existente no interior da gruta, tivemos pela frente o que o guia chama de "passagem do Mocoçal". Neste trecho, encontramos uma série de pedras grandes, em desordem umas sobre as outras, dando a impressão de que houve por ali um desmoronamento qualquer, talvez recente, quem sabe? A passagem pelo "Mocoçal" é um pouco perigosa, tanto é que, na volta, o meu companheiro sofreu uma queda e, por pouco, não quebrava a perna.

Depois de vencermos, com cautela, a passagem do "Mocoçal", chegamos a uma galeria por onde se escoava um riacho de água límpida e fresca. Deixamos os sapatos ali e arregamos as calças, em preparo para caminhar com a água pelas canelas ao longo da galeria. Disse o guia que há épocas em que o riacho sobe de nível, tomando mais da metade da galeria (em altura). Sentimos, pela sola dos pés, que o fundo do regato era quase todo de pedra. As margens são constituídas de uma argila, ótima para cerâmica.

Finalmente, depois de alguns minutos dentro da galeria, onde mal podíamos manter o corpo na postura normal, chegamos à lagoa. Esta nos decepciona um pouco pela exiguidade de suas dimensões. Entretanto, a forma do compartimento onde ela se encontra, que sobe por ali nos moldes de um funil, isto sim, é soberbo! Do alto do funil, cai sempre a água como se fosse chuva.

Nossa visita ficou terminada aí. Vimos ainda uma estreita passagem, na parede deste compartimento, por onde a gruta continuava, que, segundo o guia, iria dar na "sala das maravilhas". A subida por essa passagem era um pouco difícil, mais ainda em face do nosso cansaço. Como o guia nos asseverasse que só poderíamos descer à "sala das maravilhas" munidos de uma corda, desistimos então de continuar por não estarmos preparados. Fica aí a sugestão para que o leitor, interessado em visitar a gruta, não deixe de levar o seu pedaço de corda. E, se por acaso estiver no interior da "sala das maravilhas", não deixe também de contar-me o que viu de interessante lá por dentro.

A visão destes pormenores do interior da gruta, chegou-me a lembrança do poema inesquecível - A Divina Comédia. Se existir mesmo o Inferno descrito por Dante, a passagem para ele é possível que seja encontrada em um destes ermos subterrâneos, de beleza exótica, meio sinistra e admirável!

A fauna encontrada no seu interior está de acordo com o cenário lúgubre. Vimos morcegos, sapos, aranhas e grilos. É possível que exista ainda outras e muitas formas de vida animal.

Ao regressarmos para o exterior, veio-me a ideia de, numa eventualidade, apagar-se a luz do "petromax". Ao transmitir esta hipótese ao guia, recebi dele a pronta

resposta consoladora:

-Ser guia é a minha profissão. Conheço isto aqui até no escuro!

Pouco antes de chegarmos à boca da gruta, por sugestão do mesmo guia, apagamos a lanterna para presenciarmos o espetáculo mais bonito, que seria, justamente aquele, o da saída. Logo que desapareceram os últimos resquícios de luz da lanterna, fomos envolvidos por uma escuridão profunda. Daí em diante, agarrados um na mão do outro, pusemo-nos em marcha vagarosa em direção à saída da gruta. Dentro em pouco, a nossa visão já estava acomodada à nova modalidade de condição do meio. Foi aí que se começou a notar um esmaecimento do escuro, que nos envolvia. E assim, lentamente, à proporção que avançávamos, foi o meio ambiente clareando. Tudo se passava como se estivéssemos assistindo a um início de crepúsculo, desta feita de maneira diferente, curiosa. Quando a abertura da caverna surgiu, o espetáculo dobrou de beleza; a luz solar, que invadia as beiradas das paredes da gruta, ia matizando tudo de um colorido variado, que contrastava com o interior de onde viemos e que lá continuava mergulhado nas trevas.

Ao sairmos outra vez para o ar livre, a natureza aí nos pareceu diferente, mais bonita; era quase como se estivéssemos estado uma temporada longa, num mundo diferente. Por momentos, as duas horas passadas lá dentro nos deu a impressão de dois meses.

Em seguida, antes mesmo de voltarmos para a cabana, pusemo-nos a examinar o material colhido no interior da gruta. As amostras das pedras retiradas nos pareceram mais interessantes à luz natural. O sapo, que trouxemos, apesar de possuir os dois olhos intactos, pareceu-nos estar cego (ou com a visão atrofiada pelo tempo de permanência na escuridão da gruta).

Pelo menos foi o que constatamos após uma experiência ligeira. O grilo, que apanhamos e que depois se escapou, deveria ser cego também.

Já na cabana de volta, soubemos que não nos haviam arranjado os dois jumentos solicitados. Teríamos de subir a estrada íngreme da serra, a pé!... Chegamos mesmo a andar um bom pedaço quando, finalmente, conseguimos demover uns meninos, que desciam com uns animais, oferecendo-lhes uma boa gorjeta (um "a-grado") para que nos permitissem subir montados. O preço foi ajustado e, logo depois, vimos-nos confortavelmente instalados no lombo de jericos pequeninos e pacientes. A subida, como não podia deixar de acontecer, foi mais agradável do que a descida, o que nos permitiu verificar que o lugar é o paraíso das borboletas. Vimos inúmeras, de variadas cores: azuis, amarelas, pretas com desenhos encarnados e até outras quase brancas. Frequentemente, cruzávamos com caboclos do lugar, que apareciam em sentido contrário, tocando jumentos abarrotados de carga. Os jumentinhos, ao se avistarem, paravam, com as orelhas em pinadas, e ficavam assim com olhares admirados para os seus colegas, que surgiam em sentido contrário. Esse movimento de subida e descida de animais e pessoas é constante. São cenas primitivas, de muita singeleza e de conteúdo poético. A caminhada é, de vez em quando, interrompida para atravessarmos um regato buliçoso, que desce quase todo em cachoeira por ali a baixo.

E assim fomos, vagarosamente, levando o dobro do tempo da descida, até o alto da serra. Uma vez lá chegados, com um pouco de cansaço é verdade, mas satisfeitos, dirigimos o olhar, que talvez fosse o último que daríamos, para o ponto de onde partimos, próximo

ximo à entrada da inesquecível gruta de Ubajara.

**

A PENETRAÇÃO IANQUE NO PIAUÍ E A ESCASSEZ DE COMUNISTAS

Atualmente, quem viaja pelo estado do Piauí encontra, em cada pequena cidade, em cada povoado, um cidadão de nacionalidade norte-americana, que se faz passar por missionário protestante. Nas cidades maiores (Teresina, Parnaíba e Floriano) o estabelecimento deles é mais acentuado. Isto poderia passar despercebido se, raciocinando por absurdo, estes "missionários" fossem representantes, por exemplo, de nações sul-americanas, sub-desenvolvidas, que nem ainda se descobriram totalmente. Mas tratando-se de um país, como os Estados Unidos, manobrado por companhias multinacionais e que aqui no Brasil influenciam fortemente a nossa política interna e externa, a coisa muda muito de figura!

Segundo vários informes obtidos, de confiança, a chefia das atividades destes norte-americanos, no Piauí, tem sede na cidade de Teresina. Ali instalaram um colégio (gratuito). O chefe foi durante algum tempo um ex-piloto da força aérea norte-americana. Hoje, segundo consta, o posto é ocupado por

um ex-combatente na Coréia. Não deixa de ser bastante sugestivo o fato de ser um militar o chefe de uma organização dita de missionários.

As suas maiores instalações estão situadas na cidade de Floriano (a terceira maior em população); cidade esta colocada às margens do curso médio do rio Parnaíba e mais ou menos equidistante do norte e do sul do Estado. Em Floriano, eles possuem uma outra escola, sendo esta destinada à formação de pastores protestantes brasileiros, havendo um curso secundário, prévio, nos moldes dos que são dados nos nossos educandários. Vejam os leitores que a história tenta repetir-se. Na África do Sul, os ingleses penetraram também de Bíblia na mão. Ali se instalaram ministrando "a palavra de Deus". Atrás dos primeiros "missionários", foram chegando outros mais e, no fim, conforme sabemos, acabaram engolindo a África do Sul e os "native men", que ainda lá existem.

Consegui, a pedido, fazer uma visita ao "seminário" norte-americano de Floriano. Suas instalações são boas, confortáveis, bem distribuídas. Há dois ou três pavilhões com salas de aula, refeitório, biblioteca, sanitários, etc. Próximo dali, ficam as residências dos vários casais norte-americanos. São as melhores e as mais modernas da Cidade. Chegamos pela manhã, em hora de expediente normal. Vi-mos em funcionamento duas aulas: uma com cerca de cinco ou seis alunos e outra com apenas dois. Em primeiro lugar, já nos causa estranheza o fato dos EE.UU. exportarem missionários, quando sabemos ser lá a terra dos "gangsters", da Máfia, e o quartel general da "juventude transviada". Segundo nos é igualmente estranho, a comparação das enormes despesas efetuadas (vencimentos de pessoal, transportes, construção de prédios, viaturas, sobressalentes, víveres e outros objetos importados) com o rendimento do ensino - sete alunos! Uma outra observação,

que nos pareceu interessante, foi o fato de serem somente as senhoras, na maior parte do tempo, quem dão as aulas. Os homens são vistos sempre, carregados de caixas e caixotes, saindo da cidade. Que iriam eles fazer no mato, diariamente? "Pic-nics"? Ou não sairiam eles munidos de aparelhos apropriados para experiências no sub-solo e para levantamentos topográficos ou geológicos?... Pelo menos, pode-se dizer, que já têm sido vistos no alto das chapadas a fazerem observações ou medições.

Há uma preferência acentuada dos norte-americanos pelo nosso "hinterland". Até mesmo a própria imprensa ianque já publicou um mapa do Brasil, onde se encabeçava o seguinte título: "LAND FOR SALE" (terra à venda). No Piauí, esta preferência é clara. Vemos, assim, "missionários" norte-americanos localizados ao sul do Estado, no vale do rio Gurgueia, perto da cidade de Gilbués, onde existem minas de diamantes. São encontrados ainda em Parnaguá, zona possuidora de jazidas de cristal de rocha e ouro. Em Piracuruca, Oeiras, Correntes e Piri-Piri (existência provável de minas de ouro); Valença e Geromenha (carvão de pedra). Mais ou menos por todo o Estado, verifica-se ainda a existência de manganês, enxofre, mica, amianto, cal, salitre e grandes reservas de minério de ferro de alto teor, já confirmado (cerca de 70% de ferro).

São inúmeras as pessoas, que nos afiançam já terem surpreendido elementos de nacionalidade norte-americana fazendo escavações, ou recolhendo material do solo, como amostra. Há pessoas idôneas (e não são poucas) que nos garantem possuírem os "missionários protestantes" estudos do sub-solo piauiense, como também levantamentos do solo da região, inclusive com aero-fotogrametria.

Na pequena cidade de Uruçuí (às margens do curso médio do rio Parnaíba), local interessante pela sua proximidade em relação à confluência de alguns rios com o Parnaíba, encontramos em construção (em vias de acabamento) um barco, para três ou quatro tripulantes, com todos os requisitos modernos para a navegação em águas rasas. O seu equipamento (motor, etc) é todo importado dos Estados Unidos. A embarcação estava sendo construída às expensas do único "missionário" da Cidade e lá deve encontrar-se ainda, em cima dos picadeiros, para quem desejar vê-la.

Mas vejamos, ligeiramente, até onde me foi possível observar, como estes elementos se estabelecem e como agem. Como vimos, há uma preferência pelos locais de existência certa, ou provável, de minérios. Assim, para cada cidade, ou vilarejo, situado dentro da zona a pesquisar, é enviado um "missionário", um "pastor protestante" (quase sempre acompanhado da família), que irá servir para estabelecer o contacto inicial com o lugar. Em geral, são indivíduos de simpatia pessoal irradiante (cursados naturalmente em "public relations"), como também são possuidores daquele bom-humor, daquele equilíbrio, peculiar às pessoas de boa situação econômica na vida. Às vezes (em raros casos), há um insucesso inicial nos primeiros contactos, como aconteceu, por exemplo, em Oeiras (antiga capital do Estado), que é sede do bispado católico, onde o povo, por razões religiosas, repeliu a primeira aproximação do "pastor protestante". Depois cedeu, é claro.

O método usado, de emprego de pseudo-pastores religiosos, tem a sua eficiência. O povo, na sua ingenuidade natural e inadvertido que é, guarda um respeito pronunciado pelas pessoas, que pregam a palavra de Deus. E, en-

tretanto, o fator econômico o motivo principal do estabelecimento deles; da receptividade por parte do povo. Para ter-se idéia dos recursos fabulosos com que eles agem, basta dizer, por exemplo, que nos EE.UU., nos centros maiores, uma passagem de ônibus, de uma extremidade à outra da cidade, custa cerca de um dólar (mais ou menos duzentos cruzeiros). Aqui no Piauí, um dólar, ou sejam duzentos cruzeiros, é o salário médio mensal de uma empregada doméstica.

Na cidade em que o "missionário" se instala, ele passa a alugar a melhor casa (paga três ou quatro vezes mais o preço do aluguel comum). As suas empregadas domésticas são as mais bem pagas. A mão de obra em geral é, geralmente, bem remunerada por eles. Os gêneros de que se utilizam são comprados também com acréscimos de preço. Isto excetuando as franquias, as liberalidades, as gorjetas, os presentes, que vão distribuindo aqui e ali. O caboclo local vê sempre, no "americano", uma oportunidade de ganhar um dinheiro extra a mais, de defender o seu "agrado" (sustento). Com isto, ele, inconscientemente e por necessidade, vai cooperando com o "missionário", vai-se tornando conivente numa missão, que pode mais tarde attemptar contra a soberania da sua própria pátria.

Nos primeiros dias, depois de fixado, o "pastor" inicia então a sua "pregação evangélica" em vários pontos da cidade, ou do lugarejo. Promove iniciativas de caridade; reuniões sociais e coquetéis, na sua residência, para onde convida as principais autoridades do local (prefeito, juiz, delegado, comerciantes e outras pessoas influentes). Os "missionários" inteligentes, como o são na maioria, fazem tentativas para "evangelizar", para "converter", até mesmo alguns destes elementos de destaque das cidades, onde se encontram insta-

lados, com o fim de afastar suspeitas. Convém notar que o "missionário", em via de regra, já chega ao Brasil falando português, ou pelo menos espanhol.

A proporção que o tempo passa e depois de ganhar a simpatia do povo local, vai então o "missionário" substituindo a sua ação "evangelizadora" pela outra, de interesse dos cartéis internacionais. O iaque aí, fantaziado às vezes de saia, inicia então aquela atividade, que se pode chamar de pioneira para os interesses da organização que ele representa. Todos os pormenores, todas as minúcias da região, onde ele se encontra instalado, são anotadas e enviadas, sob a forma de relatório, para os Estados Unidos. Nada escapa à sua observação: possibilidades locais, comércio, vias de acesso, costumes sociais, meios de vida, etc, etc. Os relatórios são sempre ilustrados com fotografias, ou com instantâneos cinematográficos. Periodicamente, eles fazem viagens aos Estados Unidos.

O tempo de permanência de cada "missionário" é de dois a três anos. Não aguentam mais do que isso, como mercenários que são. Com a passagem deles por uma certa região, fica preparado o caminho para outros "missionários" também, mas, desta vez, elementos com funções específicas: agrônomos, mineralogistas, topógrafos, agrimensores, naturalistas e outros "experts" em assuntos, que se relacionem principalmente com minérios e materiais energéticos. As franquias, que eles encontram para estas atividades clandestinas, são tão amplas, que eles chegam mesmo a facilitar nas reservas que deveriam ter. Às vezes, agem mesmo abertamente, como aconteceu há três anos atrás, quando fretaram um avião (taxi aéreo) em Fortaleza e puseram-se a efetuar vôos ostensivos pelo litoral dos estados do Ceará, Piauí e

Maranhão, recolhendo amostras de areias monazíticas e uraníticas (areias ricas em minerais atômicos), encontradas em quantidades apreciáveis por esta zona. Contrariando instruções baixadas pelo Ministério da Aeronáutica, fizeram aterragens nas próprias praias e executaram as suas pesquisas, as suas colheitas de material, a revelia das autoridades brasileiras. Só não continuaram por haverem sido detidos pelo Capitão dos Portos do estado do Piauí, na época.

O trabalho destes "missionários" norte-americanos não se restringe tão somente ao território piauiense. Muito ao contrário, são vistos espalhados por quase todo o Brasil, principalmente em território do Amazonas, depois que correu a notícia pelo mundo capitalista e imperialista de que, na Amazônia, existe talvez mais petróleo do que água.

Para ter-se uma ideia do que seja a atividade ianque no Amazonas, poderá ser lido o livro de Osny Duarte Pereira - "Desnacionalização da Amazônia". Por ali vemos que a "Firestone" ou a "Good Year", não estou bem certo, possui em extensão territorial, por compra, quase que um verdadeiro estado dentro do próprio estado do Amazonas. Andam a produzir e a exportar a borracha que necessitam, quando devia estar sendo produzida e exportada por nós. Lembremo-nos do que aconteceu com a Austrália e com as terras árabes, que hoje se chamam "Israel". Naquela, os ingleses começaram se fixando, inicialmente, pela compra de terras. E, nesta última, deu-se o mesmo com os israelitas. Quando os árabes acordaram, estavam entupidos de judeus até os gorgomilos. Foi quando então ingleses e norte-americanos provocaram o estabelecimento do estado livre de Israel para garantirem, assim, um aliado próximo às terras de onde exploram as maiores reservas petrolíferas do mundo.

São ainda encontrados "missionários" norte-americanos com bastante frequência nos estados de Mato Grosso, Goiás, Maranhão e Pará. No Pará, a atividade deles anda bem adiantada. Conheci lá vários especialistas em assuntos brasileiros. E para os leitores terem ideia do grau de minúcia com que eles se aplicam, havia um casal cuja missão consistia no estudo do nosso folclore.

Como podem ainda verificar os leitores, uma simples invasão do espaço aéreo, em território da União Soviética, por parte de um piloto norte-americano, deu motivo para que fosse abafado o aparelho, condenado o piloto e fracassado uma conferência de cúpula entre os representantes das maiores nações do mundo. Enquanto que, aqui no Brasil, os espiões pululam soltos por toda a parte, sob os olhos indiferentes de muitas autoridades e sob o beneplácito ingênuo, ou criminoso, de outras.

A experiência passada já nos permite que formulemos o seguinte postulado: Toda nação fraca, que possui em seu território reservas apreciáveis de materiais energéticos, anda sempre com a sua soberania ameaçada. Nós, infelizmente, já andamos com a nossa parcialmente comprometida. Não exagero. É a expressão da verdade! Há cerca de oitenta anos atrás, escrevia Eça de Queiroz:

"Toda a América do Sul é do ianque!"

*

Quem vem do sul (Rio, São Paulo, etc) onde os comunistas são numerosos e atuantes, na propaganda marxista e na agitação social, estranha um pouco a escassez deles no Piauí. Os comunistas, além de pouco numerosos, são conhecidos por quase todos. Em lugares pequenos, fica difícil as pessoas esconderem por muito tempo as suas ideias, os seus hábitos. Aqui no estado, os comunistas encontram-se meio domesti-

cados. Conheço uns poucos, de vista. Há dias, passando ao lado de um deles, perguntei-lhe:

-Como vamos de leituras marxistas?..

Ele respondeu-me, mansamente:

-Bem, muito bem!...

Comunismo é filosofia, é ideologia, que não medra no deserto e nem tão pouco entre populações, que vivem ainda em estado de servidão, ou semi-servidão, "agregadas" às principais famílias, donas do Estado.

Alguns colegas temem e falam sempre de uma suposta, ou provável, invasão comunista (comandos) nas praias nordestinas. Não presenciei e nunca tive notícias de tais desembarques.

Nas praias piauienses, principalmente nas mais desertas, visitadas por mim, aquilo de mais perigoso, que vi, foram escorpiões, ocultados entre as pedras existentes. No sul, havia muito que não encontrava este inseto venenoso. Tive também a oportunidade de avistar contrabandistas, a distância. Mas isto é assunto do capítulo seguinte.

**

O CONTRABANDO E A MARINHA

Muito já se falou e escreveu sobre contrabando e ele continua, ainda, firme como sempre. Recentemente, o jornal "O POVO" em Fortaleza (Ceará) estampou em manchete a notícia de que saía, clandestinamente, café do porto de Camocim, enquanto que, em Fortaleza, havia falta do produto para o consumo da cidade.

O contrabando no Brasil, principalmente este que se verifica no norte e no nordeste do país, não acaba porque o Governo não quer. Talvez, tudo se passa a semelhança do que acontece com o jogo do bicho. No território do Amapá, nos estados do Pará, Maranhão, Piauí e Ceará, grande parte dos chefes contrabandistas são, justamente, as autoridades locais: prefeitos, deputados, agentes alfandegários, policiais, etc. Dizem, em Fortaleza, que até um ministro do Presidente da República está macomunado com o contrabando. Nas pequenas cidades, nos pequenos portos dentro da zona do contrabando, os próprios cargos eletivos (prefeitos, deputados e vereadores) são disputados pelos contrabandistas. Uma vez eleitos, o con-

trole, a segurança do contrabando está garantida.

Segundo dispositivos de lei, a repartição encarregada de fazer repressão ao contrabando é a Alfândega. Ora, todo o mundo sabe que as repartições alfandegárias, no Brasil, em regra, não dispõem de recursos materiais para uma operação de tal ordem. Quase, ou senão todas, dizem oficialmente a mesma coisa, com a diferença de que muitas não fazem força para adquirir estes recursos...

Então, pergunta-se: Por quê motivo a responsabilidade da repressão ao contrabando não passa para o controle direto da Marinha de Guerra, que é quem possui, afinal, os navios, as bases navais, os homens do mar?... No momento, a ação da Marinha de Guerra, neste setor, é apenas de cooperação. Mas vejamos as zonas mais infestadas pelos contrabandistas e, finalmente, em que consiste essa "cooperação".

Belém (no Pará) constituiu-se na Mecca do contrabando. Os carros norte-americanos, que rodam na cidade (e que entraram no País, ilegalmente) são tão numerosos, que chegaram a ficar conhecidos entre o povo pelo apelido de "cotia". Os objetos pequenos, também contrabandeados, são vendidos nas próprias ruas, abertamente, ao público. Este comércio, infelizmente, encontra boa receptividade por parte de muitas pessoas. Vemos, deste modo, que o sacrifício de divisas da Nação se vai tornando uma indústria lucrativa para determinados grupos. Ainda no estado do Pará, uma outra cidade infestada é a de Bragança. Fui testemunha ali, no interior de um hotel, de um tiroteio entre contrabandistas por questões de partilha de lucros.

No Maranhão, os pontos preferidos por eles, para o desembarque da "moamba", são: Baía de Turiaçu; Baía de São Marcos (São Luiz);

Tutóia; baías da Melancieira e do Cajú e barra das Canárias, no limite com o estado do Piauí. No Ceará (estado ultimamente muito prejudicado pelas quadrilhas), há dois locais bastante utilizados, tanto para a saída como na entrada de mercadorias clandestinas: Baía da Timonha (próxima à cidade de Chaval) e porto de Camocim (principalmente este último). É no Ceará o ponto de partida do produto do contrabando para as cidades do sul, inclusive Brasília.

A mercadoria exportada consiste, comumente, no seguinte: café, cacau e cera de carnaúba. Em troca, dão entrada no Brasil: automóveis, caixas de uísque, cigarros, fazendas (linho), aparelhos eletrônicos e perfumes. Nesta zona do norte e nordeste, entre Camocim, no Ceará, e Belém, no Pará, talvez seja mais fácil para qualquer um de nós adquirir uma garrafa de uísque estrangeiro, do que uma garrafa, por exemplo, de vinho nacional.

Estima-se que exista uma centena de pequenos barcos ligados à prática do contrabando. A troca das mercadorias dá-se, principalmente, no porto livre de Paramaribo, na Guiana holandesa. Conheci certo funcionário de uma repartição alfandegária, que se deu ao capricho de viajar até Paramaribo, a fim de observar o comércio clandestino, que ali se verifica. Entre outras coisas, foi testemunha da presença de cargueiros norte-americanos embarcando cera de carnaúba, exportada ilegalmente do Brasil. Acredita-se, e deve ser verdadeiro, que grandes grupos econômicos norte-americanos exerceriam influência na política externa do Departamento de Estado ("State Department") no sentido de manter Paramaribo na condição de "porto livre". O objetivo, não precisa dizer, torna-se claro...

A fiscalização do litoral infestado é feita, atualmente, por uma corveta da Mari -

nha de Guerra, sediada em Belém. As suas saídas do porto são sempre controladas pelos contrabandistas. Por força das circunstâncias, esta corveta, apesar de ser um navio pequeno, é inadequada para a caça aos contrabandistas. Os barcos ligados a esta prática ilícita são de calado reduzido (inferior ao da corveta), de modo que basta eles viajarem mais próximos de terra (em águas rasas) para se verem livres do alcance do perseguidor. Por outro lado, os mestres dos barcos contrabandistas conhecem bem o litoral por onde navegam, o que não acontece com os comandantes das corvetas, que são, periodicamente, substituídos. Além disto, acresce a circunstância de a Marinha ainda não dispor de cartas náuticas eficientes desta porção do litoral brasileiro, por falta de levantamentos hidrográficos. De modo que não há, por parte dos oficiais de Marinha, conhecimento pormenorizado da topografia do fundo submarino desta região. Ora, isto obriga o comandante da corveta a afastar-se, o quanto pode, dos locais de pouco fundo, com receio, como é natural, de prováveis encalhes. Além disto, dado ao número grande de embarcações ligadas à prática do contrabando e a extensão considerável da costa norte do Brasil, um único navio, apenas, em patrulha por esta zona, é praticamente nada. E há mais ainda: as bases navais de Belém, de Natal, etc, vivem à míngua de recursos materiais, de sorte que é muito comum aos navios da Marinha saírem dos portos (quando conseguem sair) em condições precárias de funcionamento, com restrições de toda a ordem. Por aí se vê que, além de tudo, o navio patrulha tem o seu raio de ação limitado, tem a sua permanência no mar restringida a um tempo curto. Deste modo, podemos afirmar que, no norte e em parte do nordeste brasileiro, NÃO EXISTE REPRESSÃO AO CONTRABANDO. Esta é a verdade.

-Mas então, -perguntaria o leitor, - por quê motivo não se pode aparelhar melhor estas bases navais?

Não pode, meu caro amigo, porque somos uma nação pobre, explorada, que, além de tudo, se deu ao luxo de comprar um porta-aviões obsoleto (de trinta milhões de dólares) e como tal não comporta outras e novas despesas.

-Mas por quê este contra-senso (-perguntaria ainda o leitor) de comprarmos um navio caro e obsoleto, quando temos outras necessidades urgentes e inadiáveis?

Isto mostra, amigo leitor, que quem decide o que devemos comprar, que quem decide o que necessitamos, não somos nós, mas sim os grandes grupos econômicos, que são, afinal, quem nos dominam e quem nos impõem as suas vontades, através desta claqué de patricios nosso, tão bem designados pela alcunha de "cavalos de aluguel" e que se encontram aboletados nos mais altos cargos do país.

Vejam os senhores, que eu estou excluindo a hipótese de que o Governo não quer acabar, propositadamente, com o contrabando!

Numa reportagem de Edmar Morel, lemos, tempos atrás, uma relação de obras públicas e providências outras em que poderiam ser empregados os trinta milhões de dólares do porta-aviões. Faria parte ou não desta lista, não estou bem certo, o reaparelhamento das bases navais (com a finalidade de torná-las mais eficientes), como também a aquisição de uma frota pequena de barcos apropriados à patrulha do litoral. Os barcos poderiam ser, em tudo, semelhantes aos que existem, atualmente, sediados na base naval de Natal (casco de madeira, pequeno calado, aparelhados com quatro metralhadoras no convés, etc).

Para liquidar-se com o contrabando no norte do Brasil, seria necessário que fossem espalhados uns oito ou dez, no mínimo, desses

pequenos navios-patrolha pela área contaminada. Seria ainda imprescindível que eles vivessem durante uma temporada de seis meses, pelo menos, cada um, dentro dos redutos do contrabando, entre os pontos de embarque e de desembarque de mercadoria. Isto propiciava, aos repressores, um melhor conhecimento dessas atividades clandestinas. Passariam a conhecer melhor as possibilidades das quadrilhas, os locais preferidos por elas, as ligações com os elementos de projeção, as disponibilidades materiais, épocas de maior atividade, navios ligados ao contrabando, etc. Para isto (torna-se evidente), é preciso que os navios dispõem de independência econômica (adiantamentos em dinheiro) para se irem abastecendo nos pequenos povoados, à medida que se for tornando necessário.

O problema é, realmente, grave e a tendência é para piorar. O maior aliado do contrabandista é a pobreza, é o sub-desenvolvimento, que compromete muitos homens humildes, que poderiam levar uma existência honesta, honrada, se não fossem as restrições diárias causadas pelo aumento constante do custo de vida.

Vemos, assim, que não adiantam medidas que, apenas, dêem uma satisfação ao público menos avisado. Já é tempo de acabar com soluções "para inglês ver". Já é tempo de acabar com este desgoverno, com esta incompetência, com esta covardia administrativa (ou lá o que seja). As soluções reais, as soluções eficazes para os nossos problemas vão sempre sendo adiadas. Já estamos cansados de discursos "otimistas"!

**

A PROPÓSITO DAS ENCHENTES NO PIAUÍ

Costuma-se dizer, no Piauí, com certo fatalismo, que o Céu quando não castiga com pouca água, castiga com muita água, mas sempre castiga! Segundo um ensaísta local, o rio Parnaíba constitui uma separação, um traço divisorio, nítido, entre territórios assolados pelas secas, dos quais o Piauí é um representante em toda a sua extensão, e as terras da Amazônia, sujeitas a chuvas constantes, em que o Maranhão é um apêndice. Talvez seja o Piauí o estado em que o homem vive o seu drama de maior pungência. O meio de vida por aqui é extremamente penoso. Além do período prolongado das estiagens, as terras estão sob o regime do latifúndio.

Sem probabilidade de existência garantida no sertão, o "caboclo" piauiense procura, às vezes, como meio de subsistência, fazer uso da pesca nos pequenos lagos formados pelo rio Parnaíba. Entretanto, mais uma vez, é aí perseguido até que acaba sendo expulso pelos proprietários das terras vizinhas a estes lagos, apesar do Código de Caça e Pesca ser

bastante claro no seu texto, onde declara ser do domínio público as águas em todo o território nacional, inclusive as lacustres (mesmo que as terras que as circundam sejam de propriedade particular).

No Piauí, as poucas e decadentes colônias de pescadores existentes, a própria Federação e a Confederação Geral dos Pescadores no Rio de Janeiro são presididas por negociantes, por cabos eleitorais, por pessoas estranhas à profissão. Ora, como pode funcionar a pesca no Estado se os líderes sindicais não são pescadores?... O resultado é que o latifundiário, o fazendeiro, o negociante, influenciando a justiça local, conseguem afastar os "caboclos" da pesca dos lagos mais piscosos.

Nesta alternativa, corrido daqui e acolá, o sertanejo se dirige para as cidades, na esperança de conseguir qualquer meio de ganhar a vida. Cedo, porém, verifica que nem aí é possível viver. O comércio não comporta mais gente; fábricas não há. Só lhe resta o recurso da mendicância, no momento em alta escala; ou então se acaba tornando ladrão de galinha (atividade que já se transforma numa profissão). O "pau-de-arara" é o seu sonho constante, é a sua esperança! Quando consegue obter o dinheiro da passagem, lança-se para o sul do País, lança-se à aventura. Se tem filhos, procura distribuí-los pelo caminho a quem os possa alimentar, a quem os queira.

As únicas terras, no Estado, que oferecem alguma oportunidade ao plantio, durante os meses de seca, são aquelas situadas no delta do rio Parnaíba, como as outras ao longo das suas margens. Nestas terras, o caboclo piauiense poderá ter a probabilidade de instalar-se, na qualidade de "agregado", caso venha a tornar-se simpático ao latifundiário. Como "agregado", o caboclo poderá construir a sua

palhoça, tem algum interesse na plantação que fizer, mas fica na obrigação de efetuar a extração da cera de carnaúba, principal produto da terra. Esta cera, vendida a peso de ouro para o estrangeiro, é que tem enriquecido os latifundiários do Piauí.

O maior prejuízo causado pelas enchentes atuais, tão alardeadas pela imprensa mercenária, ávida de sensacionalismo, é, justamente, a destruição que elas causam nessas plantações marginais do "agregado". A água que lhe entra pela palhoça a dentro não faz tanta diferença - ele já está habituado com ela. A perda da "roça" é que lhe desgraça a vida. Daí para diante, só lhe fica a obrigação, firmada, de extrair a cera de carnaúba do patrão, que lá permanece nas cidades, vivendo feliz, engordando, gozando os seus confortos.

Todos estes auxílios, que nos têm chegado do sul, inclusive os alimentos distribuídos por um navio norte-americano, que aqui esteve, representam tão somente o que podemos chamar de um "sanduiche", tendo em vista a extensão da miséria, o jejum permanente de quase todo este povo. Os próprios marinheiros norte-americanos, que tenho surpreendido muitas vezes no Rio de Janeiro ironizando, rindo-se das pequenas minúcias da nossa vida diária de povo sub-desenvolvido (a pobreza tem sempre algo de ridículo), aqui no Piauí, ante as proporções tão alarmantes de miséria humana, sentiram-se surpreendidos, chocados, ao presenciarem como pode um povo viver em condições tão inferiores.

O alagamento causado pelas enchentes dos rios vieram apenas agravar uma situação de emergência que já existe, que vem de longe.

Senhores dirigentes governamentais, senhores chefes militares, este mesmo povo, que recebeu, avidamente, os pacotes de alimentos, que lhe foram lançados de avião, de helicóptero, etc, jamais lhes perdoará este auxílio. A

caridade humilha. Todos possuem no fundo da alma ainda um pouco de dignidade, que a fome não conseguiu apagar!

Há necessidade de melhor distribuição das riquezas do estado; da tão falada e esperada reforma agrária. O governo estadual já deu início à construção de uma barragem hidrelétrica, no médio Parnaíba, com a qual, utilizando-se do potencial energético, pretende irrigar as áreas castigadas pelas secas. Por quê então não sai a Reforma Agrária? Urge uma distribuição racional destes imensos territórios. Não se concebe mais que este povo, desde o nascimento, viva divorciado da terra. Como é possível conservar por mais tempo este paradoxo, este anacronismo, de possuímos um país tão grande e tão sem espaço para conter o seu povo?...

Parnaíba, Piauí -1961

Este livro foi impresso no Rio de Janeiro em
1981.

